

HISTÓRIA COMPARADA

IMPÉRIOS

Volume 5 - Roma tardia, Sassânidas, Guptas e confederações das estepes: impérios em transformação

Mediterrâneo, Irã, Índia, China e estepes - religiões, migrações e rotas

Mediterrâneo, Irã, Índia, China e estepes (c. 224-650 d.C.) | Edição Definitiva 2026

Texto original com referências acadêmicas e roteiro de estudo

Leonel Edmundo Junior

Apresentação

Entre o século III e meados do século VII, a Afro-Eurásia passou por transformações que não cabem numa narrativa simples de decadência. O Império Romano reorganizou impostos, exércitos, cortes e religiões, perdeu o governo imperial no Ocidente, mas permaneceu poderoso no Mediterrâneo oriental. A dinastia sassânida substituiu os arsácidas e construiu uma monarquia iraniana duradoura, simultaneamente rival e parceira de Roma. No norte da Índia, os Guptas formaram uma ordem imperial baseada em conquistas seletivas, alianças, tributos, moedas e patronato religioso. Nas estepes e corredores da Ásia Central, confederações móveis alteraram fronteiras, rotas e formas de governar.

Essas histórias estavam conectadas. Romanos e sassânidas disputavam Mesopotâmia, Armênia, Cáucaso e Arábia, mas também trocavam embaixadas, técnicas, objetos e linguagens de soberania. Mercadores sogdianos transportavam mercadorias e religiões entre a Ásia Central e a China. Kidaritas e heftalitas interferiram na política sassânida e no mundo pós-gupta. A China dividida entre dinastias do Norte e do Sul integrou governantes de origem centro-asiática, comunidades budistas e redes de longa distância antes da reunificação Sui e do início Tang. Axum, os reinos árabes e os portos do oceano Índico ligavam o mar Vermelho, a África oriental, a Índia e o sul da Ásia.

O período foi marcado por guerras, migrações, conversões religiosas, mudanças ambientais e epidemias. Nenhum desses fatores explica sozinho a transformação dos impérios. A deposição do último imperador romano do Ocidente, em 476, não encerrou a história de Roma; o Estado oriental continuou, e governantes pós-romanos preservaram leis, títulos e instituições. A fragmentação Gupta não significou o fim da cultura política e religiosa do período. A conquista do Império Sassânida por forças dos primeiros califados foi rápida, mas ocorreu sobre estruturas sociais e administrativas que continuaram influentes.

Pergunta central

Como diferentes formas de poder imperial entre c. 224 e 650 d.C. responderam a guerras, migrações, mudanças religiosas, epidemias e transformações das rotas sem que “queda” ou “continuidade” expliquem, sozinhas, o período?

Como usar este volume

Cada capítulo trabalha cinco eixos: evidências; formação ou expansão; mecanismos de governo; colaboração, negociação e resistência; legados e controvérsias. As leituras-base oferecem portas de entrada. Os apêndices reúnem cronologia, quadros de coexistência, matrizes comparativas, glossário e atividades de análise documental.

O método é comparativo, mas não transforma sociedades diferentes em versões incompletas de um mesmo modelo. Termos como império, Estado, religião, etnia, fronteira e migração são instrumentos de análise. Devem ser testados contra as evidências, não impostos como descrições automáticas.

Autoria, pesquisa e uso editorial

O texto, a estrutura explicativa, as sínteses e as comparações deste volume foram redigidos originalmente para esta coleção. Fatos históricos, nomes e datas pertencem ao conhecimento histórico; interpretações e reconstruções foram confrontadas com a bibliografia e as fontes indicadas. Texto, organização e edição: Leonel Edmundo Junior. Apoio de pesquisa e redação: inteligência artificial.

Este material pode servir de base para estudo, aulas, roteiros, blog, vídeo ou podcast. Ao adaptá-lo, é recomendável preservar a bibliografia, verificar novamente cronologias ou interpretações debatidas e manter a distinção entre evidência, hipótese e convenção historiográfica.

Convenções

1. As datas antigas são aproximadas quando a documentação não permite maior precisão. Uma barra entre datas indica alternativas propostas; "c." significa circa, isto é, aproximadamente.
2. "Roma tardia" designa o Império Romano entre a crise do século III e as transformações do século VII. "Bizantino" é uma convenção historiográfica moderna; os habitantes do império oriental continuavam a se identificar como romanos.
3. "Sassânida" é a forma portuguesa adotada para Sasanian. O império existiu de 224/226 a 651. A ascensão começou com a vitória de Ardashir I sobre o último grande rei arsácida; a coroação e a consolidação ocuparam anos.
4. "Gupta" designa a dinastia imperial que se afirmou no norte da Índia a partir do século IV. Seus limites, sua cronologia inicial e a intensidade do controle regional são discutidos. O rótulo "Idade de Ouro" será analisado, não repetido como evidência.
5. "Hunos" pode ser um nome empregado por autores diferentes para grupos distintos. Hunos europeus, quionitas, kidaritas, alconos, heftalitas e nezaques não formaram necessariamente um único povo ou uma sequência genealógica simples.
6. "Povos germânicos", "iranianos", "romanos", "xianbei" e outros nomes coletivos não indicam populações biologicamente homogêneas. Identidades podiam ser políticas, linguísticas, jurídicas, religiosas e situacionais.
7. Fronteiras são tratadas como zonas de fortificação, cultivo, tributo, comércio, diplomacia e mobilidade. Linhas precisas nos mapas são simplificações.
8. O volume utiliza "d.C." para facilitar a leitura em português. Nomes internacionais e grafias alternativas aparecem na bibliografia e no glossário.

Sumário

1. Apresentação.....	2
2. Mapa dos 14 volumes da coleção.....	5

3.	1. Evidências, periodização e escalas da Antiguidade Tardia.....	6
4.	2. O mundo por volta de 224 d.C.....	8
5.	3. A construção do Império Sassânida.....	10
6.	4. Roma entre a crise do século III e a Tetrarquia.....	12
7.	5. Constantino e a formação do império cristão.....	14
8.	6. Governo, sociedade e economia na Roma tardia.....	16
9.	7. Romanos e sassânidas: fronteira, guerra e diplomacia.....	18
10.	8. Formação e expansão do Império Gupta.....	20
11.	9. Governo, sociedade e economia no mundo Gupta.....	22
12.	10. Religiões, artes e conhecimentos: além da "Idade de Ouro".....	24
13.	11. Confederações das estepes: hunos, kidaritas, heftalitas e turcos.....	26
14.	12. China entre divisão e reunificação.....	28
15.	13. Religiões universais e comunidades imperiais.....	30
16.	14. Rotas transformadas: sogdianos, oceano Índico, Axum e Arábia.....	32
17.	15. O século VI: Justiniano, Cosroes, clima, peste e recomposição.....	34
18.	16. De 602 a 650: guerras finais, conquistas e novas ordens.....	36
	Apêndice A. Cronologia analítica.....	38
	Apêndice B. Quadros de coexistência.....	42
	Apêndice C. Matrizes comparativas.....	45
	Apêndice D. Glossário essencial.....	47
	Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades.....	49
	Bibliografia comentada.....	54
	Fontes digitais, cursos e documentários sérios.....	60

Mapa dos 14 volumes da coleção

A coleção principal percorre mais de quatro milênios de história imperial. Os recortes abaixo são pontos de observação comparativa: processos atravessam as fronteiras entre volumes e, quando necessário, os livros se sobrepõem deliberadamente.

Volume	Recorte	Função no percurso da coleção
1	Fundamentos	Como surgem, funcionam e se transformam: método comparativo, poder, administração, economia, legitimidade, resistência e transformação.
2	c. 2350-539 a.C.	Primeiros impérios da Antiguidade: Mesopotâmia, Egito, Anatólia e Levante.
3	c. 559-30 a.C.	Da Pérsia aos reinos helenísticos: Aquemênidas, Alexandre, sucessores e conexões mediterrânicas e asiáticas.
4	c. 30 a.C.-300 d.C.	Roma, Pártia, Han e Cuchana: impérios conectados entre Mediterrâneo, Irã, Índia e China.
5	c. 224-650	Roma tardia, Sassânidas, Guptas e confederações das estepes: transformação da ordem antiga.
6	c. 600-1000	Califados, Bizâncio, Tang e novas formações imperiais: universalidades, fragmentação e redes.
7	c. 1000-1300	Song, sultanatos, cruzadas e expansão mongol: muitos centros e conexões afro-eurasiáticas, com comparação americana.
8	c. 1300-1500	Da fragmentação mongol às novas potências: epidemias, redes globais e recomposição política.
9	c. 1500-1700	Conexões oceânicas e impérios da primeira modernidade: conquista, comércio, trabalho forçado e resistência.
10	c. 1700-1850	Impérios, revoluções, industrialização e novas colonizações: reformas, emancipações e transformação do trabalho.
11	c. 1850-1914	Industrialização, nacionalismos e imperialismo de alta intensidade: conquistas, migrações e resistências.
12	c. 1914-1945	Guerras mundiais, revoluções e crise dos impérios: fascismos, colonialismos e autodeterminação.
13	c. 1945-1991	Descolonização, Guerra Fria e novos imperialismos: superpotências, revoluções e soberanias incompletas.
14	c. 1991-2026	Globalização, ordem unipolar e impérios em rede: intervenções, finanças, tecnologia e novas rivalidades.

Nota de periodização: os limites entre volumes não são “paredes” cronológicas. Sobreposições preservam continuidade quando uma transformação pertence simultaneamente ao encerramento de uma ordem e à formação de outra.

1. Evidências, periodização e escalas da Antiguidade Tardia

1.1 Um período criado pelos historiadores

"Antiguidade Tardia" não era o nome que as pessoas davam ao próprio tempo. É uma categoria historiográfica empregada para estudar, de modo integrado, os séculos que ligam o mundo romano clássico às sociedades medievais, ao Irã sassânida, à expansão de religiões de alcance transregional e às novas configurações da Eurásia. O início e o fim variam conforme a região e o problema. Um recorte de 224 a 650 acompanha aproximadamente a existência do Império Sassânida e permite sincronizá-lo com Roma, Guptas, confederações das estepes e dinastias chinesas.

Durante muito tempo, a história do período foi organizada como queda: declínio urbano, invasões, perda cultural e desaparecimento de Roma. A partir do século XX, estudos de arqueologia, religião, economia e cultura material enfatizaram transformação, continuidade e criatividade. A correção foi necessária, mas também pode ser exagerada. Algumas regiões sofreram reduções demográficas, destruição, queda da arrecadação e simplificação material; outras cresceram. O historiador precisa localizar a mudança, estabelecer sua cronologia e medir seus efeitos sem transformar "queda" ou "continuidade" em resposta pronta.

Regra de método: Em vez de perguntar se a Antiguidade "caiu" ou "continuou", pergunte o que mudou, para quem, em qual região, em que ritmo e segundo qual evidência.

1.2 Arquivos romanos e cristãos

O mundo romano tardio deixou leis, papiros, inscrições, moedas, cartas, sermões, histórias, crônicas, tratados teológicos, edifícios, cerâmicas, fortalezas e registros ambientais. O Código Teodosiano reuniu constituições imperiais do século IV e início do V; a compilação de Justiniano preservou séculos de jurisprudência e legislação. Esses códigos não demonstram automaticamente que toda ordem era aplicada. Uma lei repetida pode indicar persistência de um problema ou dificuldade de execução.

Autores como Amiano Marcelino, Eusébio de Cesareia, Agostinho, Sidônio Apolinário e Procópio escreveram de posições sociais específicas. Um oficial descrevia campanhas e cortes; um bispo interpretava crises religiosamente; um panegirista celebrava patronos; um historiador da corte podia elogiar e criticar o mesmo imperador em obras diferentes. Arqueologia rural e urbana serve como contrapeso: padrões de cerâmica, moedas, construção e alimentação revelam ritmos que não coincidem necessariamente com os grandes acontecimentos narrados.

1.3 Evidências sassânidas

O Império Sassânida não possui uma narrativa contínua preservada produzida pela própria corte para todo o período. Sua história combina inscrições reais e sacerdotais, relevos rupestres, moedas, selos, documentos em papiro e pergaminho, arqueologia urbana, textos médio-persas posteriores e relatos romanos, armênios, siríacos, árabes e persas islâmicos.

A inscrição trilingue de Shapur I na Kaaba de Zoroastro, em Naqsh-e Rostam, apresenta genealogia, territórios, dignitários e campanhas contra Roma. Ela é uma afirmação régia, não uma ata neutra. As inscrições do sacerdote Kartir apresentam a expansão de instituições zoroastrianas a partir da perspectiva de um líder que acumulou poder. Moedas registram coroas individuais, títulos, oficinas e padrões de circulação. Selos e selagens revelam pessoas, cargos e administração. Quando fontes romanas e sassânidas descrevem a mesma guerra, suas geografias morais são diferentes.

1.4 Evidências para o mundo Gupta

Inscrições em sânscrito, moedas de ouro, prata e cobre, selos, templos, esculturas, manuscritos e relatos de viajantes formam o núcleo documental Gupta. O panegírico de Samudragupta no pilar de Prayaga, composto por Harishena, organiza governantes vencidos em categorias diferentes. Essa classificação é valiosa justamente porque mostra graus de soberania: alguns reis teriam sido eliminados e seus territórios incorporados; outros foram derrotados, libertados e reinstalados; poderes fronteiriços enviaram tributos ou reconheceram prestígio.

Doações de terra registradas em placas de cobre crescem em importância e permitem estudar direitos fiscais, beneficiários religiosos e autoridades locais. Contudo, fórmulas jurídicas não provam que todas as aldeias funcionavam do mesmo modo. Moedas exibem reis como arqueiros, cavaleiros, músicos ou participantes de rituais; são programas de legitimidade e meios de troca. O viajante budista Faxian descreveu partes da Índia no início do século V, mas seus interesses monásticos orientaram o itinerário e as observações.

1.5 Fontes para estepes e China pós-Han

Muitas confederações móveis são conhecidas por fontes produzidas por seus adversários ou parceiros sedentários. Amiano e Prisco descrevem hunos em contextos romanos; Procópio escreve sobre heftalitas e guerras do século VI; histórias dinásticas chinesas classificam povos, missões e reinos segundo categorias imperiais chinesas. Nomes podem mudar quando atravessam línguas, e autores podem reutilizar etnônimos conhecidos para novos grupos.

Moedas, documentos bactrianos, paisagens funerárias, armas, arreios, isótopos e DNA antigo ampliaram o campo. Nenhum objeto isolado possui etnia automática. Um estilo de fivela ou deformação craniana pode circular por imitação, casamento, deslocamento ou prestígio. Na China, histórias oficiais como Sanguozhi, Jinshu e Weishu são indispensáveis, mas foram compiladas sob dinastias posteriores. Epitáfios e cavernas budistas revelam famílias, línguas visuais e patronato fora da narrativa política central.

1.6 Comparação controlada

O volume compara capacidades concretas: arrecadar; recrutar; registrar; negociar com aristocracias; governar cidades e aldeias; manter rotas; legitimar sucessões; integrar diferenças; enfrentar choques. Uma monarquia que delegava autoridade não era necessariamente mais fraca que outra com mais funcionários. Uma confederação móvel podia possuir instituições, diplomacia e tributação sem reproduzir a burocracia agrária romana ou chinesa.

O grau de certeza será indicado em três níveis. "Seguro" significa que evidências independentes convergem. "Provável" indica uma reconstrução forte, mas incompleta. "Debatido" assinala cronologia, causalidade ou identificação contestada. Essa linguagem não enfraquece o texto: ela mostra como o conhecimento histórico é construído.

Leituras-base do capítulo: Brown, *The World of Late Antiquity*; Cameron, *The Mediterranean World in Late Antiquity*; Maas, ed., *The Cambridge Companion to the Age of Attila*; Johnson, ed., *The Oxford Handbook of Late Antiquity*; Salzman, *The Falls of Rome*.

2. O mundo por volta de 224 d.C.

2.1 Um ponto de partida desigual

O ano 224 é útil porque marca a vitória de Ardashir de Persis sobre Artabano IV, mas não inaugurou instantaneamente uma nova ordem mundial. Roma era governada pela dinastia severa e ainda controlava todo o Mediterrâneo. Han havia terminado em 220, e a China estava dividida entre Wei, Shu e Wu. O poder cuchana persistia em partes da Ásia Central e do norte da Índia, embora sua escala e cronologia fossem regionais. Na Índia, nenhuma dinastia Gupta imperial existia ainda.

A sincronia serve para impedir narrativas isoladas. Enquanto uma dinastia surgia no Irã, autoridades romanas tentavam estabilizar sucessões militares; cortes chinesas competiam por legitimidade imperial; cidades e reinos do sul da Ásia negociavam heranças cuchanas e satrápicas; comunidades budistas, cristãs, zoroastrianas, judaicas e outras expandiam redes próprias.

2.2 Roma severa e suas tensões

Os Severos ampliaram o peso político do exército e mantiveram uma corte imperial móvel. A cidadania romana havia sido estendida em 212 à maioria dos habitantes livres do império pela Constitutio Antoniniana. Isso não eliminou distinções locais nem produziu igualdade social, mas alterou direito, tributação e linguagem de pertencimento.

Fronteiras do Reno, Danúbio, Eufrates, norte da África e deserto sírio exigiam tropas, estradas e pagamentos. O império continuava rico e urbanizado, mas sucessões dependiam do reconhecimento de exércitos e elites. A ascensão sassânida criou no leste um adversário que apresentava reivindicações territoriais e linguagem régia mais centralizada que a dos arsácidas.

2.3 Ardashir e a substituição dos arsácidas

Ardashir ascendeu em Persis, região de antigas memórias aquemênidas e dinastias locais. Sua vitória em 224 enfraqueceu decisivamente o rei arsácida; a coroação em Ctesifonte costuma ser situada em 226. A transição envolveu campanhas contra outros centros e negociação com grandes casas aristocráticas. A propaganda posterior apresentou uma restauração iraniana, mas o novo império preservou famílias, instituições e práticas partas.

O título "rei dos reis dos iranianos" articulou dinastia, território e uma comunidade política ideal. Sob Shapur I, a fórmula foi ampliada para incluir iranianos e não iranianos. O conceito de Eranshahr não correspondia a um Estado nacional moderno. Era uma geografia régia, religiosa e política composta por regiões, povos e níveis de subordinação.

2.4 China depois de Han

Weí controlava o norte e possuía maior base populacional; Shu-Han reivindicava continuidade da casa Liu no sudoeste; Wu dominava o baixo Yangzi e regiões meridionais. A divisão não significou ausência de Estado. Registros, impostos, colonização militar, grandes famílias e exércitos continuaram, mas a competição alterou o equilíbrio entre corte, comandantes e proprietários.

O período dos Três Reinos foi posteriormente romantizado em literatura. Para o estudo histórico, é necessário separar crônicas, comentários posteriores e narrativas ficcionais. A reunificação Jin em 280 seria real, porém breve. Guerras internas e deslocamentos no início do século IV abririam uma longa coexistência entre dinastias setentrionais e meridionais.

2.5 Índia e Ásia Central

No noroeste do subcontinente, governantes cuchanas, sassânidas e depois cuchano-sassânidas disputaram oficinas monetárias e corredores. Satrapias ocidentais controlavam partes da Índia ocidental. No Decão, poderes como os Satavahanas estavam em processo de fragmentação; outras dinastias e autoridades locais cresceriam. O quadro era policêntrico, não um vazio à espera dos Guptas.

Comércio marítimo continuava a conectar a costa ocidental da Índia ao golfo Pérsico, Arábia, mar Vermelho e África oriental. Mudanças na presença de moedas romanas não devem ser convertidas automaticamente em colapso comercial. Mercadorias, mecanismos de crédito e parceiros variavam, e o comércio regional era tão importante quanto o de longa distância.

Recorte	Roma	Irã	Sul da Ásia	China e estepes
224-226	Dinastia severa; cidadania ampliada	Ardashir derrota Artabano e consolida nova dinastia	poderes cuchanas, satrapias e reinos regionais	Wei, Shu e Wu após o fim Han
Centro	Roma e corte móvel	Ctesifonte e polos iranianos	múltiplas cortes e cidades	Luoyang, Chengdu e Jianye
Pressão	sucessão militar e fronteiras	integrar casas partas e expandir	recomposição pós-cuchana	guerra entre dinastias e fronteiras móveis
Conexão	Mediterrâneo, mar Vermelho, Eufrates	Mesopotâmia, Cáucaso, golfo e Ásia Central	oceano Índico e passagens do noroeste	corredores de Gansu, oásis e estepes

2.6 O que ainda não existia

Em 224 não havia "Europa medieval" pronta, nem um Império Bizantino separado, nem Império Gupta consolidado, nem uma invasão hunica única avançando da China a Roma. Também não existia uma fronteira fixa entre religiões. Cristãos viviam sob Roma e sob o Irã; budistas circulavam entre Índia, Ásia Central e China; o zoroastrismo possuía tradições diversas antes de maior institucionalização sassânida.

Começar por ausências evita teleologia. O historiador conhece 476, 565, 622 e 651, mas os agentes de 224 não agiam para produzir esses resultados. As trajetórias permaneceram abertas.

Leituras-base do capítulo: Daryaee, Sasanian Persia; Elton, The Roman Empire in Late Antiquity; de Crespigny, Imperial Warlord; Singh, A History of Ancient and Early Medieval India; Rezakhani, ReOrienting the Sasanians.

3. A construção do Império Sassânida

3.1 Realeza e paisagem da legitimidade

Os primeiros sassânidas inscreveram sua autoridade em moedas, relevos e monumentos. Cenas de investidura mostravam reis recebendo símbolos de soberania de divindades; imagens de vitória hierarquizavam o rei e os adversários. Cada monarca adotava coroa distintiva, permitindo reconhecer reinados e comunicar uma identidade régia. O fogo no reverso das moedas associava dinastia, culto e continuidade.

Essas imagens não eram simples retratos. Elas construíam relações entre o rei dos reis, a ordem religiosa, as grandes casas, as províncias e o passado iraniano. Memórias aquemênidas foram reutilizadas, mas não se pode falar em restauração completa de instituições perdidas havia séculos. Elementos arsácidas, helenísticos, mesopotâmicos e locais permaneceram.

3.2 Shapur I e a escala imperial

Shapur I governou aproximadamente de 240 a 270 e transformou a dinastia em grande potência. Conduziu campanhas contra Roma, capturou o imperador Valeriano em 260 e empregou populações deslocadas em novas cidades e projetos. Sua inscrição trilingue enumera províncias e dignitários, registra campanhas e apresenta uma geografia do poder. Comparada a relatos romanos, ela permite identificar acordos e divergências, mas também exige crítica: vitória régia seleciona acontecimentos favoráveis.

A captura de Valeriano foi um triunfo simbólico sem precedentes, mas não produziu domínio sassânida permanente sobre todo o Oriente romano. Palmira, forças romanas e poderes locais reorganizaram a região. Shapur ampliou influência no leste e instituiu governantes conhecidos como cuchano-sassânidas, embora a relação exata variasse.

3.3 Administração, aristocracia e províncias

O império combinava corte, burocracia, chefes militares, governadores, reinos subordinados, cidades e grandes famílias. A substituição de reis locais por parentes sassânidas ocorreu em algumas áreas, mas casas partas como Karen, Mihran e Suren conservaram posições elevadas. A ideia de centralização precisa ser medida: a monarquia aumentou receita e intervenção, mas dependia de aristocracias com bases próprias.

Títulos registrados em inscrições e selos indicam hierarquias de corte e administração. Governadores podiam portar designações regionais; escribas operavam em médio persa, parta, aramaico e outras línguas. Mesopotâmia era um centro fiscal e agrícola decisivo, com redes de canais e população majoritariamente não persa. Ctesifonte servia como capital e residência de inverno, não como único centro de um território uniforme.

3.4 Zoroastrismo e diversidade religiosa

Reis sassânidas patrocinaram fogos, sacerdotes e instituições zoroastrianas. Kartir, ativo sob vários monarcas do século III, deixou inscrições que celebram sua carreira e sua visão religiosa. Isso demonstra crescimento de autoridade clerical, mas não prova a existência imediata de uma igreja estatal totalmente unificada sob Ardashir.

O império continha grandes comunidades judaicas, cristãs, maniqueias e praticantes de cultos locais. Mani apresentou uma religião missionária de alcance universal e inicialmente recebeu proteção de Shapur I; depois, enfrentou oposição. Cristãos podiam ser vistos com suspeita durante guerras com um Império Romano cada vez mais cristão, porém também formaram instituições próprias e, no século V, organizaram uma Igreja do Oriente com liderança em território sassânida. Política religiosa variou por reinado, região e conjuntura.

3.5 Economia, cidades e circulação

A prata sassânida tornou-se um padrão monetário de longa duração. Drachmas circularam dentro do império e além, influenciando cunhagens na Ásia Central e no mundo islâmico inicial. Agricultura irrigada da Mesopotâmia, produção artesanal, tributação de terras, comércio do golfo Pérsico e rotas terrestres sustentavam o Estado.

Reis fundaram ou refundaram cidades, às vezes instalando populações transferidas após campanhas. Artesãos romanos e sírios contribuíram para centros de produção e construção. Objetos de prata, tecidos, vidro, selos e motivos régios viajaram até a Europa, Índia, Ásia Central e China. A circulação não implica controle direto sassânida sobre todo o comércio; intermediários eram indispensáveis.

3.6 Forças e limites da ordem sassânida

A durabilidade de mais de quatro séculos demonstra capacidade de adaptação. A monarquia sobreviveu a derrotas, disputas de sucessão e pressão de confederações centro-asiáticas. Reformas fiscais e militares dos séculos V e VI fortaleceram o governo, mas alteraram equilíbrios com nobres e comunidades rurais.

Sucessão raramente foi automática. Príncipes, aristocratas e sacerdotes podiam apoiar candidatos rivais. O rei dos reis era poderoso, porém precisava produzir consenso, recompensar serviços e controlar recursos. A tensão entre dinastia e grandes casas não foi defeito externo ao sistema; era parte constitutiva dele.

Leituras-base do capítulo: Daryaee, Sasanian Persia; Wiesehöfer, Ancient Persia; Canepa, The Two Eyes of the Earth; Payne, A State of Mixture; Encyclopaedia Iranica, verbetes Sasanian Dynasty, Shapur I e Ctesiphon.

4. Roma entre a crise do século III e a Tetrarquia

4.1 O que foi a "crise do século III"

Entre 235 e 284, o Império Romano enfrentou rápida sucessão de imperadores, guerras civis, invasões, epidemias, inflação e fragmentações políticas. A expressão "crise" é útil, mas não descreve todas as regiões igualmente. Egito, Síria, Gália, África e Itália tiveram experiências distintas; algumas cidades mantiveram produção e comércio enquanto outras sofreram.

O problema principal era a competição pelo comando militar. Exércitos proclamavam imperadores capazes de fornecer pagamento e proteção. Cada usurpação exigia deslocar tropas, enfraquecendo outras fronteiras. A pressão sassânida no leste e ataques em Reno e Danúbio interagiam com conflitos internos. Causalidade era circular: guerra externa favorecia comandantes; comandantes vitoriosos podiam disputar o trono; a disputa abria fronteiras.

4.2 Fragmentação e recomposição

No Ocidente, governantes do chamado Império Gálico controlaram Gália, Britânia e, por períodos, Hispânia. No Oriente, Odenato e depois Zenóbia de Palmira construíram uma ordem que combinava títulos romanos, poder regional e resposta à expansão sassânida. Chamar essas formações apenas de separatistas esconde que também afirmavam proteger territórios romanos.

Imperadores como Aureliano reunificaram o império na década de 270. A vitória não restaurou exatamente o Principado de Augusto. A monarquia tornou-se mais explicitamente militar e cerimonial; muralhas urbanas, novas moedas e cultos imperiais responderam a uma conjuntura transformada.

4.3 Moeda, preços e fiscalidade

A redução do conteúdo metálico de moedas e a multiplicação de emissões contribuíram para inflação, mas preços também refletiam guerra, transporte e confiança. A economia romana não era um sistema nacional moderno controlado por um banco central. Moeda de conta, pagamentos em espécie e mercados regionais coexistiam.

Estados em guerra precisavam alimentar e mover tropas. Requisições e impostos em produtos ganharam importância. Comunidades locais negociavam, atrasavam ou redistribuíam obrigações. O Edito de Preços Máximos de Diocleciano, de 301, é fonte excepcional sobre bens, salários e intenção regulatória; sua existência não prova aplicação uniforme nem permite reconstruir sozinho todos os preços do império.

4.4 Diocleciano e a Tetrarquia

Diocleciano tornou-se imperador em 284 e construiu uma divisão colegiada do comando. Dois augustos e dois césares deveriam governar regiões, conduzir exércitos e organizar sucessões. "Tetrarquia" é termo moderno para essa solução. O império não foi juridicamente dividido em quatro Estados: leis, moedas e ideologia apresentavam concordância imperial, embora cortes distintas possuísem recursos próprios.

Capitais operacionais como Nicomédia, Antioquia, Sirmium, Milão e Trier aproximaram governantes das fronteiras. Roma continuou símbolo, mas deixou de ser residência necessária. Províncias foram subdivididas e agrupadas em dioceses; funções civis e militares foram mais diferenciadas. O número de funcionários cresceu, porém continuava pequeno diante da população e dependia das cidades.

4.5 Exército e fronteiras

O exército tardio não abandonou simplesmente as fronteiras. Unidades permaneciam em fortes e cidades; forças móveis acompanhavam imperadores ou comandantes. Classificações posteriores como *limitanei* e *comitatenses* ajudam a descrever funções, mas surgiram gradualmente. Recrutamento envolvia voluntários, obrigação hereditária, conscrição e incorporação de grupos externos.

Tratados podiam instalar comunidades dentro do império ou reconhecer aliados além da fronteira. O termo *foederati* mudaria de sentido e não deve ser projetado igualmente sobre todos os séculos. Romanos utilizavam soldados de diversas origens havia muito tempo; o problema político surgia quando comandantes controlavam tropas e recursos sem suficiente integração à cadeia imperial.

4.6 Perseguição e limites do projeto tetrárquico

Em 303, o governo iniciou a chamada Grande Perseguição aos cristãos. Medidas ordenavam destruição de igrejas, entrega de escrituras e sacrifícios, mas intensidade e duração variaram. Autoridades locais, comunidades e governantes aplicaram as ordens de modos diferentes. O episódio mostra que a Tetrarquia desejava uniformidade religiosa e lealdade ritual, mas não possuía controle idêntico em toda parte.

A sucessão planejada falhou após a abdicação de Diocleciano e Maximiano em 305. Guerras entre candidatos revelaram que parentesco, exércitos e reputação continuavam decisivos. Mesmo assim, reformas territoriais, fiscais, militares e cerimoniais sobreviveram. Constantino desmontaria o colegiado, mas governaria com instrumentos tetrárquicos.

Leituras-base do capítulo: Potter, *The Roman Empire at Bay*; Elton, *The Roman Empire in Late Antiquity*; Southern, *The Roman Empire from Severus to Constantine*; Rees, *Diocletian and the Tetrarchy*; Yale Open Courses, *The Early Middle Ages*, aulas 1 e 2.

5. Constantino e a formação do império cristão

5.1 Uma guerra civil transformada em fundação

Constantino emergiu das guerras sucessórias da Tetrarquia. Sua vitória sobre Maxêncio junto à ponte Mílvia, em 312, foi posteriormente associada a uma visão e a símbolos cristãos. As fontes foram compostas em momentos e gêneros diferentes: Lactâncio e Eusébio não oferecem relatos idênticos. O ponto seguro é que Constantino atribuiu crescente importância ao Deus cristão, favoreceu igrejas e empregou símbolos cristãos sem abolir imediatamente práticas tradicionais.

O acordo de 313 associado a Milão encerrou a perseguição e restaurou propriedades cristãs. Não tornou o cristianismo religião oficial. Constantino enfrentou Licínio, governante do Oriente, e tornou-se imperador único em 324. A narrativa cristã de uma marcha inevitável apaga contingências políticas; a narrativa puramente oportunista ignora a continuidade do comprometimento religioso do imperador.

5.2 Constantinopla e uma nova geografia

Constantino refundou Bizâncio como Constantinopla, inaugurada em 330. A posição conectava mar Negro, Egeu, Balcãs e Anatólia. A cidade recebeu palácio, hipódromo, fóruns, igrejas, muralhas e abastecimento estatal de alimentos. Não substituiu Roma num único ato, mas tornou-se corte permanente e centro fiscal-militar do Oriente.

A nova capital reutilizou estátuas, colunas e materiais de outras cidades, produzindo uma linguagem imperial que combinava passado clássico e futuro cristão. O senado de Constantinopla cresceu em status. Roma manteve prestígio, população e aristocracia, enquanto outras residências como Trier, Milão, Sirmium, Antioquia e Ravenna continuaram estratégicas.

5.3 Imperador, bispos e concílios

Cristãos estavam divididos por teologia, disciplina e autoridade. A controvérsia sobre Ário e a relação entre o Pai e o Filho levou Constantino a convocar o Concílio de Niceia em 325. O credo niceno foi uma decisão importante, mas não encerrou o debate; imperadores e bispos posteriores apoiaram fórmulas diferentes.

O governo imperial forneceu transporte, segurança, locais e força jurídica para concílios. Bispos, por sua vez, possuíam redes urbanas, recursos de caridade e autoridade pública. Isso não significa subordinação simples da Igreja ao Estado. Imperadores precisavam negociar com líderes religiosos, e bispos podiam resistir, reinterpretar ou mobilizar comunidades.

5.4 Leis, família e hierarquias

Legislação constantiniana favoreceu instituições cristãs, reconheceu certos tribunais episcopais e concedeu privilégios ao clero. Ao mesmo tempo, preservou estruturas sociais romanas, incluindo desigualdade jurídica, escravidão e poder das elites. Mudanças em casamento, herança e práticas religiosas ocorreram gradualmente e são difíceis de atribuir apenas a doutrina cristã.

O domingo recebeu estatuto especial para certas atividades, mas calendários cívicos e festividades tradicionais continuaram. Moedas mantiveram imagens solares por parte do reinado. A cristianização do Estado foi um processo de sobreposição, competição e redefinição, não uma troca instantânea de um sistema por outro.

5.5 Sucessão dinástica e violência política

Constantino construiu uma dinastia, distribuiu títulos entre filhos e parentes e eliminou rivais. A monarquia cristã não aboliu a política de corte nem os conflitos sucessórios. Após sua morte em 337, o império foi dividido entre os filhos, e parte da família foi removida da competição. A historiografia deve registrar a violência sem transformá-la em espetáculo nem tratá-la como simples contradição moral individual; ela fazia parte de um sistema sem regra sucessória estável.

Constâncio II, Constante e Constantino II disputaram territórios e orientação religiosa. Juliano, imperador de 361 a 363, tentou renovar cultos tradicionais e reduzir privilégios cristãos. Seu reinado curto demonstra que a direção religiosa ainda não parecia irreversível a todos os contemporâneos.

5.6 De favorecimento a ortodoxia imperial

Sob Teodósio I, no final do século IV, o cristianismo niceno recebeu apoio imperial mais exclusivo. Leis restringiram sacrifícios e cultos, embora aplicação variasse. Templos podiam ser fechados, reutilizados, abandonados ou permanecer ativos conforme a região. Violência religiosa existiu, mas convivência e acomodação também.

"Império cristão" não significa sociedade uniformemente cristã. Comunidades judaicas, seguidores de cultos tradicionais, cristãos não nicenos e práticas locais persistiram. Mesmo entre nicenos, idioma, liturgia e teologia diferiam. A novidade foi a crescente associação entre unidade imperial e definição oficial da fé.

Leituras-base do capítulo: Lenski, ed., *The Cambridge Companion to the Age of Constantine*; Drake, *Constantine and the Bishops*; Cameron, *The Mediterranean World in Late Antiquity*; Van Dam, *The Roman Revolution of Constantine*; Yale Open Courses, aula 3.

6. Governo, sociedade e economia na Roma tardia

6.1 Uma monarquia de múltiplas cortes

Depois de Constantino, governantes compartilharam ou disputaram o império. Divisões entre Oriente e Ocidente eram administrativas e dinásticas, não a criação imediata de duas civilizações. Leis podiam circular, consulados eram reconhecidos e a ideia de um único império persistia. Contudo, cada corte controlava nomeações, exércitos e receitas, produzindo interesses próprios.

A corte era uma instituição móvel de decisão: imperador, consistório, oficiais palatinos, guardas, eunucos, notários, juristas e redes de patronato. A cerimônia de acesso regulava proximidade. Títulos como prefeito do pretório, mestre dos ofícios e conde das sagradas liberalidades indicavam funções que mudaram no tempo. O governo não era uma máquina impessoal; cargos conectavam administração e status aristocrático.

6.2 Províncias, cidades e bispos

Prefeituras do pretório, dioceses e províncias organizavam a administração civil. Governadores julgavam, fiscalizavam cidades e transmitiam ordens. Conselhos municipais e seus membros, tradicionalmente responsáveis por arrecadação e obras, enfrentaram pressões fiscais e mudanças de prestígio. Não desapareceram simultaneamente; em algumas regiões, elites migraram para cargos imperiais ou episcopais.

Bispos tornaram-se mediadores, patronos e representantes urbanos. Podiam negociar impostos, organizar assistência, arbitrar disputas e liderar construções. Seu poder dependia de riqueza local, reputação e relações com corte e clero. A cristianização não eliminou o papel das cidades, mas alterou monumentos, calendários e instituições.

6.3 Fiscalidade e moeda

Reformas dos séculos III e IV fortaleceram a avaliação de terras, pessoas e obrigações. A combinação conhecida como *capitatio-iugatio* variou regionalmente; não era um imposto único aplicado de modo idêntico. O Estado demandava moeda, produtos e serviços. Cadastros e ciclos fiscais permitiam planejar despesas militares.

O *solidus* de ouro, estabilizado sob Constantino, tornou-se moeda de confiança por séculos. Sua estabilidade beneficiava pagamentos estatais e grandes transações, mas não prova prosperidade de todos. Moedas de bronze e prata serviam a outras escalas. A diferença entre arrecadação oriental e ocidental tornou-se politicamente decisiva: o Oriente preservou províncias mais densas e bases fiscais que ajudaram Constantinopla a sustentar exércitos.

6.4 Camponeses, colonato e escravidão

A maior parte da população vivia da agricultura. Leis ligaram certas categorias de colonos à terra e buscaram impedir fuga de contribuintes e trabalhadores. A expressão "colonato" cobre situações diferentes: arrendatários, dependentes, trabalhadores livres e obrigações hereditárias. Não houve uma transformação uniforme e imediata de camponeses em servos medievais.

A escravidão continuou em casas, campos, minas, oficinas e administração. Alforria e integração eram possíveis, mas não anulavam coerção. Grandes propriedades coexistiam com pequenas unidades. Arqueologia de vilas, aldeias, prensas e cerâmica mostra expansão em algumas regiões orientais e contração em partes do Ocidente.

6.5 Exército, comandantes e grupos externos

O exército tardio era profissional, diversificado e caro. Oficiais de origem provincial, germânica, armênia, isáuria e outras podiam alcançar os comandos mais altos. Classificar generais como "bárbaros" pode esconder carreiras profundamente romanas. Estilício, Aécio, Aspar e outros operaram dentro de alianças cortesãs e militares.

Instalar grupos dentro do império podia fornecer soldados e agricultores, mas exigia terras, pagamentos e mediação. O assentamento dos godos após 376 tornou-se crise porque autoridades romanas administraram mal a entrada, exploraram refugiados e depois enfrentaram rebelião. A derrota de Valente em Adrianópolis, em 378, foi grave, mas o império oriental recuperou capacidade militar e negociou acordo em 382.

6.6 A transformação do Ocidente

No século V, vândalos, suevos, alanos, visigodos, burgúndios e outros grupos estabeleceram reinos em antigas províncias ocidentais. Esses processos combinaram travessias armadas, tratados, apropriação de receita, alianças locais e guerras civis romanas. A perda da África para os vândalos reduziu uma base fiscal essencial do governo ocidental.

Em 476, Odoacro depôs Rômulo Augústulo. Outro imperador reconhecido, Júlio Nepos, viveu até 480. A data é convencional, não um interruptor civilizacional. Odoacro governou a Itália com instituições romanas e reconhecimento formal do imperador oriental. Ostrogodos, visigodos e francos empregaram oficiais, leis e títulos romanos, ao mesmo tempo que construíram novas identidades políticas.

Debate central: A transformação do Ocidente resultou de pressão externa, guerras civis, perda fiscal, decisões de elites e formação de novos exércitos. Historiadores divergem sobre o peso relativo de cada fator; nenhuma explicação única encerra o problema.

Leituras-base do capítulo: Jones, *The Later Roman Empire*; Wickham, *Framing the Early Middle Ages*; Halsall, *Barbarian Migrations and the Roman West*; Heather, *The Fall of the Roman Empire*; Salzman, *The Falls of Rome*.

7. Romanos e sassânidas: fronteira, guerra e diplomacia

7.1 Dois impérios em reconhecimento mútuo

Roma e o Irã sassânida foram adversários, mas também formaram uma ordem diplomática. Cada monarquia tratava a outra como potência comparável. Cartas, embaixadas, presentes e cerimônias regulavam relações. A imagem dos "dois olhos da Terra" em tradições diplomáticas expressa uma parceria competitiva: o mundo político podia ser imaginado como sustentado por dois soberanos universais.

Essa igualdade era negociada, não pacífica. Reis sassânidas reivindicavam prestígio aquemênida e territórios; imperadores romanos afirmavam vitória e proteção de clientes. Nenhum lado conseguiu eliminar o outro por quatro séculos. Fronteiras mudaram, cidades foram conquistadas e devolvidas, e acordos reorganizaram obrigações.

7.2 Mesopotâmia e cidades fortificadas

Nisibis, Dara, Amida, Edessa, Martyropolis e outras cidades eram fortalezas, mercados e centros religiosos. Rios e passagens determinavam logística. Cercos exigiam engenharia, abastecimento e negociação; conquistar uma cidade não significava controlar toda a região.

O acordo de 298, após vitória de Galério sobre Narseh, favoreceu Roma e ampliou sua influência na Mesopotâmia e Armênia. Em 363, a campanha de Juliano alcançou Ctesifonte, mas terminou sem conquista duradoura. Seu sucessor Joviano aceitou paz que entregou territórios e Nisibis aos sassânidas. Fontes romanas trataram o acordo como humilhação; para o estudo comparativo, ele mostra limites logísticos de invasões profundas.

7.3 Armênia, Cáucaso e soberania graduada

A Armênia não era apenas um território passivo entre impérios. Casas nobres, reis, bispos e comandantes possuíam agendas próprias. A conversão da monarquia armênia ao cristianismo acrescentou linguagem religiosa à competição, mas alianças não seguiram automaticamente a fé.

No fim do século IV, Roma e Pérsia dividiram esferas de influência. Em 428, os sassânidas encerraram a monarquia arsácida na Armênia oriental e instalaram administração marzban. Nobres armênios conservaram terras e tropas; conflitos sobre religião e autonomia produziram revoltas e compromissos. Geórgia, Albânia caucasiana e passagens do Cáucaso também eram centrais para defesa contra povos das estepes.

7.4 Arábia e aliados fronteiriços

Lakhmidas, associados a al-Hira e aos sassânidas, e Ghassânidas, aliados de Roma oriental, mediarão desertos e rotas árabes. Eram reinos e confederações com dinâmicas próprias, não simples marionetes. Forneciam tropas, inteligência, diplomacia e controle de caminhos; também competiam entre si.

O cristianismo entre grupos árabes possuía orientações teológicas diversas. Relações com Constantinopla podiam ser tensas quando imperadores tentavam impor definições doutrinárias. A dissolução do reino lakhmida no início do século VII costuma ser apresentada como causa direta da vulnerabilidade sassânida, mas seu efeito precisa ser combinado com guerras, sucessão e fiscalidade.

7.5 Prisioneiros, técnicas e circulação

Guerras deslocavam populações. Reis sassânidas instalaram prisioneiros romanos em cidades e regiões produtivas; artesãos e engenheiros contribuíram para construções e manufaturas. Romanos empregaram técnicas, tecidos e símbolos associados ao Irã. Diplomatas observavam rituais e hierarquias da corte rival.

Religiões atravessavam a fronteira. Comunidades cristãs de língua siríaca viviam em ambos os impérios; judeus mantinham centros importantes na Mesopotâmia; o maniqueísmo circulou amplamente. Por isso, guerra entre governos não corresponde a fronteira civilizacional fechada.

7.6 Tratados e custos da guerra

Tratados definiam cidades, fortalezas, pagamentos, comércio autorizado e defesa de passagens caucasianas. Em certos períodos, romanos contribuíram financeiramente para a proteção do Cáucaso; fontes hostis podiam chamar pagamentos de tributo, enquanto diplomatas os apresentavam como despesa compartilhada.

Campanhas repetidas consumiam receita e podiam legitimar reis, generais e imperadores. Paz também era conquista política: permitia deslocar tropas para outras fronteiras. O equilíbrio romano-sassânida não foi estático. No século VI, guerras longas alterariam o Mediterrâneo e a Mesopotâmia; no início do VII, ambos chegariam perto de destruir a capacidade do rival.

Mecanismo	Roma oriental	Império Sassânida	Intermediários	Resultado possível
Fortaleza	guarnição, muralha, bispo e governador	marzban, guarnição e cidade	habitantes e comerciantes	controle local, não domínio automático da região
Embaixada	títulos, presentes e precedência	cartas régias e cerimônia	tradutores e enviados	reconhecimento, trégua ou disputa simbólica
Reino aliado	Ghassânidas e autoridades armênias	Lakhmidas e casas caucasianas	elites com agenda própria	defesa, recrutamento e risco de autonomia
Tratado	território, pagamento e comércio	território, pagamento e passagens	cidades fronteiriças	pausa estratégica e nova distribuição de custos

Leituras-base do capítulo: Greatrex e Lieu, *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars*; Canepa, *The Two Eyes of the Earth*; Dignas e Winter, *Rome and Persia in Late Antiquity*; Payne, *A State of Mixture*; Howard-Johnston, *East Rome, Sasanian Persia and the End of Antiquity*.

8. Formação e expansão do Império Gupta

8.1 Cronologia e origens

Os primeiros Guptas aparecem em genealogias e inscrições com títulos que não revelam automaticamente a extensão de seus domínios. Chandragupta I, no início do século IV, adotou o título maharajadhiraja, "grande rei dos reis", e associou-se por casamento a Kumaradevi, da linhagem Licchavi. Moedas que representam o casal transformam aliança matrimonial em legitimidade pública.

A Era Gupta costuma ser iniciada em 319/320, mas a relação exata entre seu começo e a ascensão de Chandragupta I é reconstruída. O núcleo inicial estava na planície do Ganges, possivelmente entre Magadha e Prayaga. A expansão não ocorreu sobre território politicamente vazio; incorporou ou subordinou reinos, repúblicas oligárquicas, chefes e comunidades urbanas.

8.2 Samudragupta e o panegírico de Prayaga

Samudragupta, provavelmente reinando de meados do século IV até cerca de 375, ampliou o poder dinástico. A inscrição de Prayaga, composta por Harishena, é a principal fonte de suas campanhas. Como panegírico, pretende apresentar o rei como conquistador, poeta, músico, doador e soberano universal.

O texto diferencia políticas. Governantes do norte teriam sido removidos e territórios anexados; reis do sul foram capturados, libertados e autorizados a governar sob reconhecimento; poderes de fronteira e ilhas enviaram presentes ou buscaram ordens. Essa diversidade é mais informativa que a imagem de um mapa uniformemente conquistado. A digvijaya, conquista das direções, era também linguagem ritual e literária.

8.3 Chandragupta II e o oeste

Chandragupta II, associado ao título Vikramaditya, expandiu influência para o oeste e derrotou governantes conhecidos como sátrapas ocidentais. A incorporação de Malwa e Gujarat aproximou os Guptas de rotas comerciais e oficinas de prata. Moedas de prata imitavam e transformavam padrões satrápicos, sinal de adaptação a mercados regionais.

Alianças matrimoniais ligaram os Guptas aos Vakatakas do Decão. A rainha Prabhavatigupta, filha de Chandragupta II, exerceu regência no reino Vakataka e deixou inscrições. Seu caso evidencia a atuação política de mulheres dinásticas, embora a documentação privilegie famílias reais e não permita generalizar para todas as mulheres.

8.4 Formas de soberania

O Império Gupta combinava regiões diretamente administradas, reinos subordinados, aliados e poderes fronteiriços. Títulos como uparika e vishayapati aparecem em registros provinciais e distritais, mas suas funções variavam. Governantes locais podiam emitir documentos, mobilizar recursos e reconhecer a era ou os títulos Guptas.

Tributo, presença militar, casamento, patronato e imitação de modelos régios formavam camadas de autoridade. Um mapa que colore todo o norte da Índia com a mesma tonalidade é didático, mas esconde intensidades. A soberania era performada em inscrições, rituais, moedas e relações pessoais.

8.5 Exército, moeda e prestígio

Moedas de ouro Guptas apresentam arqueiros, cavaleiros, cenas de caça, sacrifícios e deuses.

Samudragupta aparece tocando instrumento de cordas em um tipo monetário, unindo força e cultura cortesã. A variedade sugere oficinas sofisticadas e públicos capazes de reconhecer símbolos.

O ouro não significa automaticamente economia inteiramente monetizada ou riqueza geral. Metais podiam vir de estoques, tributos, comércio e reciclagem. Exércitos incluíam infantaria, cavalaria, elefantes e contingentes de subordinados. Inscrições celebram vitória, mas oferecem poucos dados operacionais sobre recrutamento e abastecimento.

8.6 Limites do auge

Sob Kumaragupta I e Skandagupta, no século V, a dinastia enfrentou disputas e ataques associados aos hunas. A inscrição de Bhitari celebra Skandagupta como restaurador da fortuna familiar; a retórica de restauração sugere crise, mas não mede sozinho a escala do dano. Em diferentes regiões, governantes locais ganharam autonomia.

A fragmentação imperial foi gradual. Moedas, inscrições e títulos Gupta continuaram; dinastias posteriores reutilizaram repertórios. Em vez de uma queda causada apenas por invasores, é preciso combinar sucessão, finanças, autonomia regional, mudanças de rotas e novos poderes.

Leituras-base do capítulo: Singh, *A History of Ancient and Early Medieval India*; Thapar, *Early India*; Kulke e Rothermund, *A History of India*; Fleet, *Inscriptions of the Early Gupta Kings and Their Successors*; Willis, *The Archaeology of Hindu Ritual*.

9. Governo, sociedade e economia no mundo Gupta

9.1 Corte e administração

O rei ocupava o centro da linguagem política Gupta, cercado por parentes, ministros, comandantes, poetas e oficiais. Títulos registrados em selos e inscrições sugerem especialização, mas não um organograma estável para todo o império. Uma pessoa podia acumular funções militares, diplomáticas e administrativas, como Harishena no panegírico de Samudragupta.

Regiões chamadas bhukti e distritos conhecidos como vishaya aparecem em documentos. Oficiais imperiais e conselhos locais participavam de doações e transações. Em Bengala, placas de cobre registram pedidos de compra de terra, avaliações e testemunhas, oferecendo rara visão de procedimentos. A documentação é regional; não deve ser projetada sobre toda a Índia.

9.2 Cidades, guildas e comerciantes

Cidades como Pataliputra, Ujjain, Mathura e centros do Ganges mantinham importância política, religiosa e comercial. Corporações de artesãos e comerciantes aparecem em inscrições realizando doações, administrando fundos e mantendo templos ou lâmpadas. Guildas não eram equivalentes a empresas modernas: combinavam profissão, confiança, identidade comunitária e patronato.

O debate sobre declínio urbano e comercial após o período cuchana permanece aberto. A redução de certos tipos de moedas ou cerâmicas pode indicar transformação regional, não desaparecimento de mercados. Rotas marítimas do sul e do oeste continuaram; novas cidades e centros religiosos ganharam relevância. A oposição entre "urbano" e "rural" é insuficiente para redes de peregrinação, feiras e oficinas.

9.3 Doações de terra e direitos fiscais

Placas de cobre registram concessões a brâmanes, templos e instituições religiosas. Podiam transferir receita, isenções e direitos sobre habitantes ou recursos. O crescimento dessas doações foi interpretado como descentralização e origem de um "feudalismo indiano". A tese gerou debate: fórmulas variavam, direitos não eram absolutos e o Estado podia usar concessões para estender cultura jurídica e alianças.

Doação não significa ausência do governo. Ao reconhecer beneficiários e limites, a carta criava relações entre corte, oficiais, aldeias e autoridades religiosas. Ao mesmo tempo, podia aumentar obrigações sobre cultivadores e fortalecer intermediários. É necessário examinar cada documento, sua autenticidade, local e data.

9.4 Hierarquias sociais

Textos normativos descrevem varnas, castas, deveres e estágios da vida, mas sociedade vivida era mais complexa. Grupos profissionais, comunidades tribais, migrantes, comerciantes, camponeses, ascetas e elites regionais negociavam posições. Jati e varna não são termos intercambiáveis, e categorias modernas de casta precisam de cronologia.

Intocabilidade e exclusão aparecem em fontes, inclusive no relato de Faxian, mas extensão e práticas variavam. Pessoas escravizadas e dependentes existiam; trabalho familiar, arrendamento e obrigações coletivas eram comuns. A visão de uma ordem harmoniosa produzida pela literatura cortesã silencia desigualdade e coerção.

9.5 Mulheres, família e propriedade

Inscrições documentam rainhas, doadoras, monjas e mulheres de famílias influentes. Prabhavatigupta exerceu autoridade régia; Kumaradevi foi central na iconografia dinástica. Esses casos mostram possibilidades políticas, mas dependiam de posição familiar. Normas jurídicas defendiam controle masculino em muitas etapas da vida e delimitavam herança, casamento e sexualidade.

O stridhana, propriedade associada à mulher, possuía formas reconhecidas, embora acesso efetivo variasse. Imagens de deusas e rainhas não demonstram igualdade social. Para evitar dois erros opostos, é preciso não apagar a agência feminina nem convertê-la em prova de emancipação geral.

9.6 Agricultura, ambiente e tributo

O império dependia de excedentes agrícolas, especialmente nas planícies fluviais. Irrigação variava entre poços, tanques, canais e regimes de monção. A inscrição de Junagadh registra reparo do lago Sudarshana sob Skandagupta e apresenta a obra como dever régio. Infraestrutura podia envolver governadores, comunidades e tradições anteriores.

Tributos sustentavam corte, exército, patronato e doações. A capacidade de converter produção local em recursos imperiais dependia de intermediários. Quando governantes regionais retinham receita ou mudavam alianças, a autoridade central diminuía mesmo sem derrota militar direta.

Leituras-base do capítulo: Singh, *A History of Ancient and Early Medieval India*; Sharma, *Indian Feudalism*, lido com críticas; Chattopadhyaya, *The Making of Early Medieval India*; Salomon, *Indian Epigraphy*; Beaujard, *The Worlds of the Indian Ocean*.

10. Religiões, artes e conhecimentos: além da "Idade de Ouro"

10.1 O problema da "Idade de Ouro"

O período Gupta é frequentemente chamado de Idade de Ouro da Índia por realizações em literatura, matemática, astronomia, arte e arquitetura. O rótulo reconhece produções influentes, mas cria três riscos: atribuir toda inovação à corte Gupta; imaginar prosperidade homogênea; e tratar épocas anteriores ou posteriores como decadentes.

Muitas obras são difíceis de datar. Textos circularam oralmente, receberam comentários e sobreviveram em manuscritos posteriores. Centros Vakataka, reinos do Decão e comunidades budistas, jainistas e bramânicas também produziram cultura. Melhor falar em uma ecologia de patronato e redes intelectuais entre os séculos IV e VI.

10.2 Sânscrito e poder

O sânscrito tornou-se língua privilegiada de inscrições régias e produção erudita em ampla área do sul e sudeste da Ásia. Isso não eliminou prácritos, tâmil e outras línguas. O uso do sânscrito permitia inserir governantes em repertórios de realza, genealogia e cosmologia compreendidos por especialistas distantes.

Panegíricos eram tecnologia política. Métrica, metáfora e genealogia organizavam conquista e virtude. A expansão do sânscrito não precisa ser descrita como imposição étnica de um centro; elites locais o adotavam para participar de uma comunidade cultural, transformando-o em contextos próprios.

10.3 Hinduísmo, templos e devoção

Tradições vaishnavas, shaivas e shakta cresceram em instituições, imagens e textos. Reis Guptas favoreceram especialmente Vishnu em vários contextos, usando Garuda como emblema, mas também apoiaram outras comunidades. Templos estruturais em pedra e tijolo tornaram-se mais visíveis, embora muitos santuários antigos fossem construídos com materiais perecíveis.

Puranas, cultos de imagens, peregrinação e doações conectavam lugares. A palavra "hinduísmo" reúne tradições que não formavam uma igreja centralizada. Sacerdotes, ascetas, famílias e comunidades mantinham autoridades diversas. O patronato régio selecionava símbolos sem controlar todas as práticas.

10.4 Budismo e jainismo

Mosteiros budistas continuaram ativos na Índia e em redes transasiáticas. Imagens de Buda de Mathura e Sarnath criaram modelos duradouros; cavernas de Ajanta, ligadas em grande parte ao patronato Vakataka, combinam arquitetura, pintura e narrativas. Associá-las simplesmente ao "Império Gupta" apaga sua geografia política específica.

O jainismo possuía comunidades, mestres, imagens e doadores. Inscrições demonstram coexistência de patronatos. Concorrência religiosa podia ocorrer por recursos e autoridade, mas categorias modernas de tolerância e perseguição nem sempre descrevem bem essas relações.

10.5 Matemática, astronomia e medicina

Aryabhata, nascido em 476 segundo tradição textual, compôs o Aryabhatiya em 499. A obra trata de cálculo, astronomia e métodos matemáticos. Sistemas posicionais e o uso do zero desenvolveram-se em processos longos; não devem ser atribuídos a um único inventor ou corte. Brahmagupta, já no século VII, formularia regras explícitas importantes.

Conhecimentos indianos circularam por traduções e adaptações no mundo islâmico e além. Astronomia dialogava com tradições gregas e locais. Medicina ayurvédica também resultava de corpora e escolas acumulativas. "Ciência" é útil se não separar artificialmente observação, cálculo, ritual e cosmologia segundo fronteiras modernas.

10.6 Arte, oficina e circulação

Esculturas e moedas mostram padrões estéticos reconhecíveis, mas "estilo Gupta" não era uniforme. Materiais, oficinas e patrocinadores regionais criaram variações. Ícones religiosos organizavam corpo, gesto, atributos e espaço para tornar presença divina acessível a rituais.

Modelos artísticos viajaram para Sri Lanka, sudeste asiático, Himalaia, Ásia Central e China por objetos, artistas, peregrinos e textos. Influência não era cópia unilateral: formas eram selecionadas e transformadas. O legado Gupta pertence a essas traduções tanto quanto à corte original.

Uso responsável: Em blog ou aula, substitua "os Guptas inventaram o zero" por uma explicação gradual: sistemas posicionais e notações desenvolveram-se em tradições indianas ao longo de séculos e foram sistematizados, transmitidos e transformados por vários autores.

Leituras-base do capítulo: Pollock, *The Language of the Gods in the World of Men*; Willis, *The Archaeology of Hindu Ritual*; Elsner, ed., *Empires of Faith in Late Antiquity*; Plofker, *Mathematics in India*; Huntington, *The Art of Ancient India*.

11. Confederações das estepes: hunos, kidaritas, heftalitas e turcos

11.1 Por que "huno" não resolve a questão

Fontes romanas, iranianas, indianas e chinesas empregaram nomes que estudiosos tentaram ligar durante séculos. A semelhança entre termos não prova identidade. "Huno" podia indicar reputação militar, origem imaginada, confederação política ou categoria externa. Pesquisas numismáticas e documentais distinguem ondas e poderes no Irã e na Índia.

Confederações eram multiétnicas. Um núcleo dinástico podia reunir grupos de línguas e origens diversas. Integrantes entravam e saíam conforme vitórias, casamentos, tributos e distribuição de saque. A mobilidade pastoril exigia conhecimento ambiental e relações com agricultores e cidades; não era ausência de organização.

11.2 Hunos no mundo romano

Hunos aparecem com força nas fontes europeias no final do século IV. Sua expansão alterou equilíbrios ao norte do Danúbio e contribuiu para deslocamentos góticos. No século V, governantes hunos receberam pagamentos, negociaram reféns e interferiram em disputas romanas. O centro de poder de Átila, na década de 440, combinava guerreiros, elites subordinadas, diplomatas e produção obtida por tributo e guerra.

Prisco visitou a corte de Átila e preservou observações valiosas, transmitidas em fragmentos posteriores. Seu relato mostra uma corte capaz de protocolo e negociação, não um acampamento caótico. Após a morte de Átila em 453, alianças se romperam e grupos submetidos se rebelaram. A confederação desagregou-se rapidamente porque sua coesão dependia da liderança e redistribuição.

11.3 Quionitas, kidaritas e alconos

No leste iraniano, quionitas aparecem nas guerras de Shapur II no século IV, por vezes como inimigos e depois aliados. Kidaritas dominaram partes de Bactriana e territórios cuchanas; suas moedas adaptaram padrões sassânidas e cuchanas. "Rei dos Cuchanas" podia ser um título apropriado para legitimar governo sobre regiões antigas.

Alconos avançaram para o noroeste da Índia e emitiram moedas com nomes e símbolos próprios. Fontes indianas usam Huna de maneira ampla, dificultando correspondências. A sequência política não deve ser descrita como migração de um povo único: moedas e documentos revelam sobreposições regionais.

11.4 Heftalitas e poderes regionais

Heftalitas tornaram-se força decisiva no século V. Derrotaram o rei sassânida Peroz em 484 e influenciaram a sucessão iraniana; Cavades I recuperou o trono com apoio heftalita. Fontes os chamam de "Hunos Brancos", mas Procópio os distingue de hunos europeus e os apresenta como governados por um rei e associados a território urbano.

Documentos bactrianos revelam tributação e continuidade administrativa sob domínio heftalita. Na Índia, Toramana e Mihirakula governaram áreas extensas no início do século VI, mas a relação entre esses poderes e a confederação centro-asiática é debatida. Resistências de reis indianos e novas alianças fragmentaram seus domínios.

11.5 Rouran, Xianbei e a ascensão turca

Na Ásia interior oriental, os Rouran construíram um canato entre os séculos IV e VI e interagiram com dinastias chinesas. O título khagan ganhou circulação. Em 552, os Gokturks derrotaram os Rouran e formaram um império que conectou Mongólia, Ásia Central e rotas ocidentais.

Sassânidas e turcos cooperaram contra os heftalitas por volta de 557-561 e dividiram áreas de influência junto ao Oxo. A parceria virou rivalidade por comércio e diplomacia. Embaixadas turcas alcançaram Constantinopla; romanos orientais procuravam aliados contra o Irã. A estepe era participante do sistema diplomático eurasiático, não uma margem.

11.6 Mobilidade, império e arqueologia

Pastoreio móvel permitia utilizar ambientes sazonais e manter grandes rebanhos. Cavalos sustentavam guerra e comunicação, mas exércitos também dependiam de grãos, metal, artesãos e cidades. Confederações cobravam tributos, protegiam rotas e controlavam oásis. Algumas elites adotavam escrita e moedas locais sem abandonar mobilidade.

Arqueologia de sepultamentos, dieta e mobilidade mostra populações heterogêneas. DNA antigo pode revelar parentesco e deslocamento, não a etnia declarada por uma fonte. O melhor modelo combina texto, objeto, paisagem e biologia sem permitir que um conjunto de dados domine todos os outros.

Formação	Região principal	Período de maior evidência	Fontes	Cuidado
Hunos europeus	estepes pânticas e Europa central	c. 370-454	Amiano, Prisco, arqueologia	não identificar automaticamente com Xiongnu

Formação	Região principal	Período de maior evidência	Fontes	Cuidado
Kidaritas	Bactriana, Gandara e leste iraniano	séculos IV-V	moedas e fontes iranianas/chinesas	agrupamento político, não etnia simples
Alconos	Afeganistão e norte da Índia	séculos V-VI	moedas e inscrições	relação com heftalitas é debatida
Heftalitas	Ásia Central, Bactriana e influência na Índia	séculos V-VI	Procópio, fontes iranianas, indianas, bactrianas	vários reinos podem ter coexistido

Leituras-base do capítulo: Maas, ed., *The Cambridge Companion to the Age of Attila*; de la Vaissière, *The Steppe World and the Rise of the Huns*; Kim, *The Huns*; *Encyclopaedia Iranica*, verbetes Huns e Hephthalites; Maas e Di Cosmo, eds., *Empires and Exchanges in Eurasian Late Antiquity*.

12. China entre divisão e reunificação

12.1 Da reunificação Jin à divisão

A dinastia Jin Ocidental conquistou Wu em 280 e reuniu grande parte da China. Disputas entre príncipes e comandantes enfraqueceram o governo. No início do século IV, Luoyang e Chang'an foram perdidas, e a corte Jin se restabeleceu no sul, em Jiankang. Grandes migrações levaram famílias e instituições para a região do Yangzi.

No norte, os chamados Dezesesseis Reinos foram mais numerosos e variados que o rótulo. Governantes de origens xiongnu, jie, di, qiang, xianbei e chinesas adotaram títulos imperiais, burocracias, agricultura e patronato religioso. Tratar o período como domínio estrangeiro sobre uma China passiva ignora novas comunidades políticas multiétnicas.

12.2 Dinastias do Sul

Jin Oriental e as dinastias Liu Song, Qi do Sul, Liang e Chen governaram o sul. Elites emigradas reivindicavam cultura do norte, mas dependiam de famílias e populações meridionais. A região do Yangzi cresceu em produção, cidades e importância demográfica, processo de longa duração.

Jiankang tornou-se uma das maiores cidades do mundo. Cortes patrocinavam literatura, budismo e administração. Rivalidades entre famílias aristocráticas, gerais e imperadores limitavam estabilidade. As dinastias mudavam sem destruir toda a infraestrutura precedente.

12.3 Wei do Norte

Os Tuoba Xianbei fundaram Wei do Norte e reunificaram o norte em 439. O Estado combinou tradições de estepe, burocracia chinesa, colonização militar e budismo. A corte transferiu a capital de Pingcheng para Luoyang em 494 e adotou reformas de nomes, vestuário e casamento frequentemente chamadas de sinicização.

"Sinicização" pode sugerir abandono unilateral de uma identidade por outra. Estudos recentes enfatizam síntese e criação de uma aristocracia nova. Instituições de terras iguais, registros domiciliares e guarnições ligavam famílias ao Estado, embora aplicação variasse. As cavernas de Yungang e Longmen mostram patronato imperial e tradução visual do budismo.

12.4 Budismo, tradução e peregrinação

Monges e textos viajaram da Índia e Ásia Central para a China. Kumārajīva, ativo em Chang'an no início do século V, liderou traduções influentes. Faxian viajou no sentido inverso em busca de regras monásticas e manuscritos. Tradução exigia equipes, patronato e escolhas conceituais; não era substituição mecânica de palavras.

Mosteiros acumulavam terras, doações e autoridade, gerando apoio e crítica. Governantes podiam patrocinar e depois restringir instituições. O taoísmo também se organizou em movimentos, textos e rituais. Confucionismo permaneceu importante para família, educação e governo, ainda que o período não possa ser reduzido a "três religiões" isoladas.

12.5 Sui e a reunificação

Wei do Norte dividiu-se em 534; Wei Oriental/Norte Qi e Wei Ocidental/Norte Zhou competiram. O Norte Zhou conquistou o rival em 577. Yang Jian tomou o trono e fundou Sui em 581; em 589, derrotou Chen e reuniu norte e sul.

Sui reorganizou administração, tributação, canais e exércitos. O Grande Canal conectou bacias e permitiu mover grãos. Campanhas contra Goguryeo consumiram recursos e contribuíram para rebeliões. A dinastia caiu em 618, mas instituições foram herdadas e reformuladas por Tang.

12.6 Início Tang e dimensão eurasiática

Tang consolidou-se sob Gaozu e Taizong. Em 630, derrotou o Canato Turco Oriental e incorporou líderes e populações de origens diversas. Chang'an tornou-se centro de uma ordem imperial que dialogava com Ásia Central, Coreia e planícies chinesas.

O cosmopolitismo Tang não deve ser romantizado como tolerância moderna. Abertura, comércio e circulação coexistiam com conquista, classificação de estrangeiros e hierarquias. Até 650, o império estava em expansão; sua história plena pertence ao volume seguinte, mas sua ascensão encerra a longa transformação pós-Han.

Sincronismo: Quando Sui reunificou a China em 589, Roma oriental e o Império Sassânida iniciavam nova fase de guerra; reinos pós-gupta dominavam a Índia; e os Gokturks controlavam amplas zonas da Ásia interior.

Leituras-base do capítulo: Dien e Knapp, eds., *The Cambridge History of China*, vol. 2; Lewis, *China Between Empires*; Holcombe, *A History of East Asia*; Xiong, *Emperor Yang of the Sui Dynasty*; Yang, *Early Tang China and the World*.

13. Religiões universais e comunidades imperiais

13.1 O que significa "religião universal"

Cristianismo, budismo e maniqueísmo apresentavam mensagens capazes de atravessar linhagens, cidades e reinos. Certas tradições hinduístas e zoroastrianas também conectavam cosmologia, ética e soberania em escalas amplas. "Universal" não significa ausência de diferenças nem acesso igual. Cada tradição se localizava em línguas, instituições e comunidades.

Impérios utilizavam religiões para legitimar ordem, mas religiões também produziam vínculos que escapavam ao território. Monges, bispos, sacerdotes, peregrinos e comerciantes mantinham correspondência e viajavam. Um governante podia patrocinar uma comunidade para fortalecer a corte e descobrir que seus líderes possuíam fontes próprias de autoridade.

13.2 Cristianismos no plural

Concílios de Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia definiram fórmulas sobre Cristo e a Trindade, mas as controvérsias continuaram. Termos como "nestoriano" e "monofisita" foram usados polemicamente e podem distorcer como comunidades se entendiam. É preferível identificar Igreja do Oriente, tradições miafisitas e igrejas calcedonianas com atenção à época.

No Império Sassânida, cristãos de língua siríaca formaram dioceses, escolas e mosteiros. O sínodo de 410 em Selêucia-Ctesifonte organizou uma hierarquia; no século V, maior autonomia doutrinal reduziu a suspeita de subordinação a Roma. Missionários da Igreja do Oriente alcançaram Ásia Central, Índia e, já no século VII, China.

13.3 Zoroastrismo e monarquia

Tradições zoroastrianas tinham textos, rituais de fogo, sacerdócios e comunidades variadas. Sob os sassânidas, patronato real e atividade de sacerdotes contribuíram para maior institucionalização. A coleção do Avesta em formas escritas e comentários médio-persas é processo difícil de datar e não deve ser atribuído a um único reinado.

Sacerdotes influenciavam direito familiar, pureza ritual e fundações religiosas, mas sua autoridade variava. A corte precisava lidar com cristãos, judeus e outros grupos economicamente e socialmente importantes. Episódios de coerção não formaram política constante por quatro séculos.

13.4 Maniqueísmo: uma rede transimperial

Mani, ativo no século III, reuniu elementos cristãos, iranianos e budistas numa mensagem missionária própria. Seus seguidores produziram livros e arte, traduziram textos e criaram comunidades do Mediterrâneo à China. A religião enfrentou repressão em Roma e no Irã, mas sobreviveu por redes móveis.

O maniqueísmo demonstra que fronteiras imperiais não determinavam circulação religiosa. Também alerta contra interpretar semelhança como simples mistura: Mani e seus discípulos construíram sistema coerente, vocabulário e instituição. Fragmentos em diversas línguas são evidência de adaptação deliberada.

13.5 Budismo entre Índia, oásis e China

Mosteiros ofereciam hospedagem, ensino, ritual e redes de confiança, embora não fossem estações comerciais automáticas. Peregrinos viajavam por rotas perigosas em busca de textos e locais sagrados. Tradutores centro-asiáticos tiveram papel decisivo na China; governantes patrocinavam imagens e cavernas para produzir mérito e legitimidade.

As tradições Mahayana cresceram, e diferentes escolas monásticas coexistiram. A expansão para China, Coreia e sudeste asiático envolveu seleção de textos e formas. Na Índia, o budismo permaneceu importante durante o período Gupta, ao lado do crescimento de templos bramânicos.

13.6 Judaísmo, comunidades locais e convivência

A Mesopotâmia sassânida abrigava centros judaicos que contribuíram para a formação do Talmude Babilônico. Exilarcas, academias e comunidades negociavam com autoridades. No mundo romano, sinagogas e inscrições mostram vida judaica apesar de restrições e conflitos.

Religiões locais, cultos de ancestrais e práticas domésticas persistiam sob rótulos oficiais. Conversão podia ser gradual, familiar e incompleta. Objetos e rituais combinavam repertórios sem que os praticantes considerassem estar criando uma religião híbrida. A história imperial precisa incluir a vida religiosa que não deixou tratados teológicos.

Tradição	Agentes de circulação	Instituições	Relação com impérios	Evidências
Cristianismos	bispos, monges, mercadores	igrejas, concílios, escolas	patronato, disputa doutrinal e coerção variável	cartas, leis, igrejas e crônicas

Tradição	Agentes de circulação	Instituições	Relação com impérios	Evidências
Zoroastrismo	sacerdotes, famílias e corte	fogos, fundações e hierarquias	forte vínculo sassânida sem uniformidade total	inscrições, textos médio-persas e selos
Budismos	monges, peregrinos e tradutores	mosteiros, cavernas e redes de doação	patronato Gupta, centro-asiático e chinês	inscrições, imagens, manuscritos e relatos
Maniqueísmo	missionários e comunidades multilíngues	livros, mestres e grupos urbanos	proteção inicial e repressões posteriores	fragmentos, cartas e arte

Leituras-base do capítulo: Brown, *The Rise of Western Christendom*; Payne, *A State of Mixture*; Foltz, *Religions of the Silk Road*; Elsner, ed., *Empires of Faith in Late Antiquity*; Tannous, *The Making of the Medieval Middle East*.

14. Rotas transformadas: sogdianos, oceano Índico, Axum e Arábia

14.1 Redes, não uma estrada única

As "rotas da seda" eram corredores terrestres e marítimos conectados por trocas sucessivas. Seda, vidro, metais, especiarias, cavalos, papel, madeira aromática, pedras, escravizados e ideias circulavam em distâncias diferentes. Um objeto encontrado longe do local de produção não prova viagem direta nem embaixada entre seus extremos.

Impérios controlavam trechos, cobravam impostos e protegiam passagens, mas não possuíam a rede inteira. Mudanças políticas deslocavam caminhos. O fechamento temporário de uma fronteira podia beneficiar outra rota por mar ou deserto. Cidades de oásis dependiam de água, agricultura local e acordos com grupos móveis.

14.2 Sogdianos e Ásia Central

Sogdianos de Samarcanda, Panjikent e outros centros tornaram-se mediadores importantes, sobretudo entre os séculos V e VIII. Cartas antigas sogdianas, documentos, pinturas e inscrições mostram famílias mercantis e comunidades distantes. Sua atuação não se limitava a comércio: serviam como diplomatas, tradutores e transmissores de religiões.

Redes familiares reduziam riscos e forneciam crédito e informação. Governantes de oásis negociavam com sassânidas, turcos e dinastias chinesas. O sucesso sogdiano dependia de adaptação linguística e política; não formou um império territorial unificado.

14.3 Golfo Pérsico e oceano Índico

Portos do golfo conectavam Mesopotâmia e Irã à Índia e ao oceano Índico. Autoridades sassânidas procuraram ampliar influência sobre navegação e costas, mas comerciantes persas, árabes, indianos e africanos mantinham iniciativas próprias. Cerâmica, moedas e textos indicam circulação até Sri Lanka e sul da China.

Na Índia, portos ocidentais e meridionais ligavam interiores produtivos a rotas marítimas. A queda de um império não encerrava a navegação. Reinos regionais e guildas assumiam funções. Monções estruturavam calendários de viagem, e conhecimento náutico era acumulado por pilotos.

14.4 Axum, mar Vermelho e Etiópia

O reino de Axum, no norte da atual Etiópia e Eritreia, controlou territórios e participou do comércio do mar Vermelho. Cunhou moedas em ouro, prata e bronze; no século IV, o rei Ezana adotou o cristianismo. Inscrições em grego e ge'ez revelam repertórios régios múltiplos.

No século VI, Axum interveio no sul da Arábia após conflito no reino himiarita. A ocupação axumita e depois a influência sassânida no lêmén inseriram a região na rivalidade romano-iraniana. Explicar esses acontecimentos apenas como guerra por procuração apaga interesses locais, rotas e comunidades religiosas árabes.

14.5 Arábia antes dos primeiros califados

A península continha cidades-oásis, pastores, agricultores, reinos e portos. Himyar, Lakhmidas e Ghassânidas eram formações políticas distintas. Judaísmo e diferentes cristianismos estavam presentes, junto a cultos locais. Inscrições em árabe antigo e línguas sul-arábias documentam sociedades que fontes externas simplificam.

Meca e Medina pertenciam ao Hijaz, conectado a rotas regionais. O volume não projeta instituições islâmicas posteriores sobre o século VI. A ascensão do islamismo precisa ser estudada em seus próprios textos, arqueologia e contexto; ela não foi resultado automático do conflito romano-sassânida.

14.6 Objetos, estilos e apropriação

Pratos de prata sassânidas, tecidos com medalhões, vidros, imagens budistas e moedas foram imitados fora de seus centros. Uma espada com sistema de suspensão centro-asiático podia aparecer no Irã e na China porque tecnologias viajavam com cavaleiros e artesãos. Formas sassânidas continuaram no início islâmico; modelos indianos foram reinterpretados no sudeste asiático.

"Influência" deve ser demonstrada por cronologia, caminho e transformação. Parecidos visuais podem surgir por problemas semelhantes. Quando a relação é segura, o receptor continua agente: escolhe, combina e atribui novo significado.

Leitura de mapa: Desenhe corredores com nós, portos e intermediários. Evite uma linha contínua de Constantinopla a Chang'an, pois ela cria a ilusão de viagem direta e controle uniforme.

Leituras-base do capítulo: Hansen, *The Silk Road*; Vaissière, *Sogdian Traders*; Beaujard, *The Worlds of the Indian Ocean*; Power, *The Red Sea from Byzantium to the Caliphate*; UNESCO, *Silk Roads Programme*.

15. O século VI: Justiniano, Cosroes, clima, peste e recomposição

15.1 Justiniano e a restauração romana

Justiniano I governou de 527 a 565. Sua corte codificou o direito, construiu Santa Sofia e tentou recuperar antigos territórios ocidentais. Generais como Belisário e Narses derrotaram o reino vândalo no norte da África e o ostrogodo na Itália. A restauração ampliou o domínio romano oriental, mas guerras longas destruíram recursos e exigiram guarnições.

A compilação jurídica conhecida como *Corpus Iuris Civilis* reuniu Código, Digesto, Institutas e Novelas. Ela preservou tradição legal romana e influenciou séculos posteriores. Não era apenas obra antiquária: organizava autoridade imperial, propriedade, família, igreja e administração.

15.2 Cosroes I e reformas sassânidas

Cosroes I, reinando de 531 a 579, é lembrado como Anushirvan, "de alma imortal". Seu governo reorganizou tributação territorial e militar, fortaleceu divisões regionais de comando e negociou com aristocracias. Reformas foram processos iniciados antes e continuados depois; fontes posteriores idealizaram o rei justo.

O movimento associado a Mazdak, no final do século V e início do VI, é conhecido por relatos hostis e tardios. Pode ter articulado reforma social e religiosa, mas descrições de comunalismo absoluto são suspeitas. Cavades I utilizou conflitos entre grupos e depois reprimiu o movimento. A crise revela tensões sobre riqueza, nobreza e autoridade.

15.3 Guerras romano-sassânidas

Justiniano e Cosroes combinaram guerra e tratados. A "Paz Eterna" de 532 durou poucos anos. Em 540, Cosroes invadiu a Síria e capturou Antioquia; outras campanhas ocorreram na Lazica e Mesopotâmia. A Paz de Cinquenta Anos, em 562, definiu pagamentos e posições, mas conflitos voltaram.

Nenhum lado buscava sempre conquista total. Objetivos podiam ser cidades, fortalezas, tributos, prestígio e aliados. A capacidade de negociar após campanhas demonstra que diplomacia integrava a guerra. Custos acumulados, contudo, pressionaram contribuintes e fronteiras.

15.4 Erupções e resfriamento

Registros de anéis de árvores e núcleos de gelo indicam grandes erupções em 536, 540 e 547, associadas a redução de luz e resfriamento no hemisfério norte. O conceito de "Pequena Idade do Gelo da Antiguidade Tardia" descreve aproximadamente 536-660, mas seus efeitos foram regionais.

Clima não derruba impérios de forma automática. Colheitas, preços e saúde dependiam de ecologia, estoques, transporte, conflito e desigualdade. Estudos responsáveis tratam as erupções como fatores adicionais e comparam dados ambientais a arqueologia e textos, sem converter coincidência em causa única.

15.5 A primeira pandemia de peste

Uma epidemia associada a *Yersinia pestis* alcançou o Egito e Constantinopla em 541-542 e reapareceu em ondas até o século VIII. DNA antigo confirma o patógeno em diferentes regiões. Em 2025, evidência genômica obtida em Jerash acrescentou documentação direta para o Mediterrâneo oriental; estudo bioarqueológico publicado em 2026 identificou o sepultamento do hipódromo de Jerash como um evento mortuário coletivo associado à Primeira Pandemia. Fontes narrativas registram forte impacto local, mas números exatos de mortalidade não são recuperáveis.

O efeito macro-histórico é debatido. Uma interpretação atribui à pandemia grande redução demográfica e fiscal; outra conclui que séries de moedas, papiros, inscrições, pólen e assentamentos não sustentam impacto uniforme ou dezenas de milhões de mortes. A posição mais segura distingue presença do patógeno, surtos graves e consequência imperial total. São três questões diferentes.

15.6 Guptas, heftalitas e reinos sucessores

Enquanto Roma e Irã competiam, o poder Gupta fragmentava-se. Hunos alconos e governantes regionais controlaram partes do noroeste e centro-norte da Índia. Yashodharman de Malwa celebrou vitória sobre Mihirakula e apropriou-se da linguagem imperial Gupta. Reinos de Magadha, Kannauj, Valabhi e outros disputaram heranças.

Em 606, Harsha tornou-se governante de Thanesar e depois Kannauj, construindo nova hegemonia no norte. Sua corte é conhecida por inscrições, pelo poeta Bana e pelo peregrino chinês Xuanzang, que viajou depois do limite principal deste volume. O mundo pós-gupta não era ausência de império, mas pluralização de centros.

Fator	Evidência segura	Inferência provável	Questão debatida	Erro a evitar
Erupções de 536/540	sinais em gelo e árvores; resfriamento	efeitos sobre algumas colheitas	escala social por região	clima como causa automática
Peste de 541	textos e DNA de <i>Y. pestis</i>	surtos graves em centros conectados	mortalidade total e peso fiscal	números globais sem base

Fator	Evidência segura	Inferência provável	Questão debatida	Erro a evitar
Guerras	campanhas, tratados e impostos	pressão sobre recursos	contribuição para crises posteriores	dizer que guerra sozinha causou conquistas árabes
Fragmentação Gupta	inscrições e moedas regionais	perda gradual de receita central	peso relativo dos Huna	imaginar queda num único ano

Leituras-base do capítulo: Sarris, *Economy and Society in the Age of Justinian*; Greatrex e Lieu, *Roman Eastern Frontier*; Bonner, *The Last Empire of Iran*; Mordechai et al., *The Justinianic Plague: An Inconsequential Pandemic?*; Büntgen et al., *Cooling and Societal Change during the Late Antique Little Ice Age*.

16. De 602 a 650: guerras finais, conquistas e novas ordens

16.1 A crise de 602

O imperador Maurício foi deposto em 602 por uma revolta militar, e Focas assumiu. Cosroes II utilizou a morte de Maurício, seu antigo apoiador, para justificar guerra. Exércitos sassânidas conquistaram Mesopotâmia romana, Síria, Palestina e Egito e avançaram pela Anatólia. Em 610, Heráclio tomou o poder em Constantinopla, mas passou anos reconstruindo finanças e forças.

A guerra foi a maior expansão sassânida no oeste, porém ocupação exigia administrar populações, arrecadar e manter comunicações. Comunidades locais não reagiram de modo único. Divergências religiosas com Constantinopla podiam favorecer acomodação, mas não transformaram todos os cristãos não calcedonianos em aliados persas.

16.2 Heráclio e a contraofensiva

Na década de 620, Heráclio conduziu campanhas pelo Cáucaso e interior do território sassânida, aliando-se a forças turcas. A derrota sassânida perto de Nínive, em 627, e a crise de corte levaram à deposição de Cosroes II. Em 628, paz restaurou em grande medida as fronteiras anteriores e permitiu a devolução de relíquias e prisioneiros.

A vitória romana não produziu estabilidade. Anos de mobilização, perda temporária de províncias e tensões religiosas permaneciam. No Irã, reis sucederam-se rapidamente, incluindo Boran e Azarmidokht, duas rainhas reinantes. Aristocracias e comandantes disputavam o trono, reduzindo coordenação.

16.3 Ascensão do islamismo

No oeste da Arábia, Muhammad iniciou uma comunidade religiosa e política no início do século VII. A Hégira de 622, migração de Meca para Medina, tornou-se marco do calendário islâmico. Após a morte de Muhammad em 632, os primeiros califas consolidaram alianças na Arábia e dirigiram campanhas para territórios romanos e sassânidas.

O estudo histórico utiliza o Alcorão, tradições islâmicas posteriores, inscrições, papiros, moedas e fontes não islâmicas. Cada conjunto possui data e finalidade próprias. Uma narrativa séria não reduz a expansão à fé, ao saque, ao clima ou ao cansaço dos impérios. Liderança, mobilização, alianças tribais, estratégia e fragilidades regionais interagiram.

16.4 Perdas romanas e fim da monarquia sassânida

Forças dos primeiros califados derrotaram exércitos romanos no Levante e conquistaram Síria, Palestina e Egito nas décadas de 630 e 640. O Império Romano oriental sobreviveu com Anatólia, Constantinopla, partes dos Balcãs e ilhas. Administração, exército e fiscalidade foram reorganizados gradualmente; não houve transformação instantânea em um Estado medieval completamente novo.

No Irã, derrotas como Qadisiyya e Nihavand abriram Mesopotâmia e planalto. Yazdegerd III buscou apoio regional até ser morto em 651. A monarquia sassânida terminou, mas oficiais, práticas fiscais, moedas, famílias e cultura iraniana continuaram sob os califados. "Conquista" e "continuidade" precisam ser estudadas juntas.

16.5 Índia, China e estepes em 650

Na Índia, Harsha morreu em 647 sem construir sucessão duradoura. Chalukyas no Decão, Pallavas no sul e outros reinos articulavam templos, comércio e guerra. A herança Gupta permanecia em títulos, sânscrito, iconografia e modelos de doação, mas nenhuma autoridade controlava o subcontinente.

Tang expandia para a Ásia Central e enfrentava canatos turcos. Diplomatas e comunidades iranianas procuraram apoio chinês após o colapso sassânida. Sogdianos continuaram mediando rotas. Em 650, a ordem afro-eurasiática já era diferente da de 224: novos califados cresciam, Roma se concentrava no Oriente, Tang reunificara a China e a Índia era policêntrica.

16.6 Comparação final

Roma oriental sobreviveu porque preservou núcleo territorial defensável, capital fortificada, receita e capacidade de reconstruir exércitos. O Império Sassânida caiu após crise de sucessão e conquistas, mas sua cultura estatal sobreviveu. Os Guptas fragmentaram-se sem uma data final única e deixaram repertório compartilhado. Confederações das estepes mudaram rapidamente, porém criaram modelos de canato, diplomacia e conectividade.

Não existe uma única transição da Antiguidade para a Idade Média. O Mediterrâneo, o Irã, a Índia, a China e a Ásia Central mudaram em cronologias conectadas, mas distintas. A comparação revela mecanismos comuns, não destino comum.

16.7 Roteiro de estudo

- Construa uma linha do tempo com cinco faixas: Roma, Irã, Índia, China e estepes.
- Marque eventos seguros, cronologias aproximadas e interpretações debatidas.
- Para cada império, identifique uma fonte de propaganda e um registro operacional.
- Compare como cada governo transformava terra, pessoas e circulação em receita.
- Analise uma fronteira como zona social, não como linha.
- Escolha uma crise e distribua causas entre política, fiscalidade, guerra, ambiente e doença.
- Registre o que continuou depois da mudança dinástica.
- Transforme a síntese em artigo ou vídeo citando bibliografia e licença de imagens.

Leituras-base do capítulo: Howard-Johnston, *The Last Great War of Antiquity*; Kaegi, *Heraclius*; Hoyland, *In God's Path*; Bonner, *The Last Empire of Iran*; Donner, *The Early Islamic Conquests*; Elton, *The Roman Empire in Late Antiquity*.

Apêndice A. Cronologia analítica

Como ler a cronologia

As faixas abaixo sincronizam processos, não sugerem que um acontecimento em uma região causou automaticamente outro. Datas de reinados e batalhas são mais precisas que mudanças sociais. Para dinastias indianas e centro-asiáticas, algumas cronologias permanecem aproximadas.

Data	Roma	Sassânidas	Índia	China	Estepes e corredores
220	dinastia severa	arsácidas ainda governam	poderes cuchanas e regionais	fim Han; Três Reinos	Xianbei e outras confederações
224-226	Alexandre Severo	Ardashir vence Artabano e é coroado	fragmentação satavahana	Wei, Shu e Wu	corredores bactrianos policêntricos
235	início da crise imperial	Ardashir expande	reinos regionais	competição dos Três Reinos	mobilidade nas fronteiras
240-270	guerras e imperadores militares	Shapur I	poderes cuchanas tardios	Wei dominante no norte	novas cunhagens na Bactriana
260	Valeriano capturado	triunfo de Shapur I	conexões indo-iranianas	Wei, Shu e Wu	grupos móveis em redes iranianas

Data	Roma	Sassânidas	Índia	China	Estepes e corredores
270-275	Aureliano reunifica	Bahram I	poderes regionais	Jin conquista Shu em 263	Palmira perde autonomia
280	Probo	Bahram II	transição pós-cuchana	Jin reúne China	Xianbei mantém poder regional
284-305	Diocleciano e Tetrarquia	Bahram II, Narseh, Hormizd II	primeiros Guptas locais	Jin Ocidental	confederações do norte
298	paz favorável a Roma	Narseh cede posições	poderes regionais	guerras internas Jin	Cáucaso torna-se eixo defensivo
312-324	Constantino vence rivais	reinado de Shapur II	Chandragupta I se afirma	Jin Oriental no sul após 317	múltiplos reinos no norte chinês
319/320	Constantino	Shapur II	início convencional da Era Gupta	Dezesseis Reinos	circulação budista centro-asiática
325	Concílio de Niceia	Shapur II	expansão Gupta inicial	divisão norte-sul	oásis patrocinam traduções
330	Constantinopla inaugurada	Shapur II	Samudragupta em ascensão	Jin Oriental	Rouran em formação posterior
350-375	Constâncio II e Juliano	guerras de Shapur II	campanhas de Samudragupta	reinos do norte	quionitas no leste iraniano
363	campanha de Juliano fracassa	Shapur II recupera territórios	hegemonia Gupta	Jin Oriental	alianças sassânidas com grupos móveis
376-382	entrada e acordo com godos	Shapur II e sucessores	Chandragupta II	Fu Jian tenta reunificar o norte	hunos alteram equilíbrio pântico
395	divisão dinástica romana	Yazdegerd I pouco depois	Chandragupta II	Norte e Sul divididos	incursões via Cáucaso
410	saque de Roma; império continua	Yazdegerd I; sínodo cristão em Ctesifonte	Kumaragupta se aproxima	Jin Oriental	poder huno cresce na Europa
439	Oriente e Ocidente romanos	Yazdegerd II	Kumaragupta I	Wei do Norte reúne o norte	kidaritas e outros no leste iraniano
451	Calcedônia; batalha dos Campos Cataláunicos	Yazdegerd II	fim do reinado de Kumaragupta	Wei do Norte	confederação de Átila no auge

Data	Roma	Sassânidas	Índia	China	Estepes e corredores
453-454	morte de Átila; recomposição	Peroz em ascensão	Skandagupta	Wei do Norte	fragmentação huna europeia
476	deposição de Rômulo Augústulo	Peroz	Guptas tardios	Wei do Norte	reinos pós-hunos
484	Roma oriental sob Zenão	Peroz derrotado pelos heftalitas	poderes Gupta e regionais	Wei do Norte	hegemonia heftalita
493	Teodorico governa Itália	Cavades I	fragmentação Gupta	reformas Tuoba	heftalitas influenciam Irã
527	Justiniano	Cavades I; Cosroes I em 531	reinos pós-gupta; hunns no norte	Wei do Norte próximo da divisão	alconos e heftalitas
532	Paz Eterna	Cosroes I	Yashodharman e poderes regionais	Wei do Norte em crise	poder heftalita
536-547	reconquistas e choque climático	reformas de Cosroes	reinos regionais	Wei oriental/ocidental	erupções afetam partes da Eurásia
541-542	primeira onda de peste registrada	Cosroes I	efeitos regionais incertos	dinastias do Norte e Sul	efeitos demográficos desiguais
552	Justiniano	Cosroes I	pós-Gupta	Wei e sucessores	Gokturks derrotam Rouran
557-561	Roma oriental	Sassânidas aliados aos turcos	reinos do norte indiano	Norte Zhou/Norte Qi	derrota da hegemonia heftalita
565	morte de Justiniano	Cosroes I	múltiplos reinos	Chen no sul; Zhou e Qi no norte	canato turco expande
581-589	Maurício a partir de 582	Hormizd IV e Cosroes II	poderes regionais	Sui funda e reunifica China	turcos orientais e ocidentais
602	Focas toma o poder	Cosroes II inicia grande guerra	Harsha ascende em 606	Sui	canatos turcos
610	Heráclio	ocupações sassânidas	Harsha	Sui em crise	turcos participam da diplomacia
618	Heráclio	Cosroes II	Harsha	fundação Tang	Canato Turco Oriental
622	Hégira; guerra continua	máxima expansão ocidental	Harsha	Tang consolida	alianças romano- turcas posteriores
627-628	Heráclio vence e firma paz	Cosroes II deposto	Harsha	Tang sob Taizong	forças turcas no Cáucaso

Data	Roma	Sassânidas	Índia	China	Estepes e corredores
630	Roma recupera províncias	crise sucessória	Harsha	Tang derrota turcos orientais	recomposição dos canatos
636-642	perdas romanas no Levante e Egito	grandes derrotas e perda de Ctesifonte	reinos indianos	expansão Tang	rotas mudam sob novos poderes
647-651	Roma oriental se reorganiza	morte de Yazdegerd III em 651	morte de Harsha em 647	Tang em expansão	elites iranianas buscam novos patronos

Apêndice B. Quadros de coexistência

Fotografia 1: c. 224

Roma ainda controla o Mediterrâneo sob os Severos. Ardashir transforma uma vitória regional em nova dinastia iraniana. China vive os Três Reinos, e o mundo indiano permanece policêntrico. A melhor pergunta não é qual império era maior, mas quais recursos permitiam a cada formação sobreviver à sucessão.

Roma	Irã	Índia	China	Estepes
corte severa e exército	transição arsácida-sassânida	cuchanas, satrapias e reinos	Wei, Shu e Wu	Xianbei e outras confederações
cidadania ampliada em 212	integração de casas partas	rotas marítimas e terrestres	burocracias concorrentes	mobilidade e alianças fronteiriças

Fotografia 2: c. 300

Diocleciano governa colegiadamente; Narseh acaba de aceitar tratado desfavorável; primeiros Guptas ainda são poderes locais; Jin reúne a China por pouco tempo. A fotografia mostra que "apogeu" e "crise" não são sincronizados.

Roma	Irã	Índia	China	Estepes
Tetrarquia e reforma fiscal	monarquia sassânida consolidada	dinastias regionais	Jin Ocidental reunifica	pressões nas fronteiras chinesas
capitais junto às fronteiras	Mesopotâmia como núcleo	redes pós-cuchanas	guerras entre príncipes	confederações flexíveis

Fotografia 3: c. 400

Roma é um império cristianizado governado por duas cortes. Sassânidas negociam com aristocratas e religiões. Chandragupta II amplia a hegemonia Gupta. China está dividida, e hunos europeus começam a alterar alianças.

Roma	Irã	Índia	China	Estepes
Oriente e Ocidente administrativos	Yazdegerd I se aproxima	Chandragupta II	Jin Oriental e reinos do norte	hunos e Rouran
bispos ganham autoridade	cristãos e judeus organizados	expansão para o oeste	budismo traduzido e patrocinado	tributo, guerra e diplomacia

Fotografia 4: c. 500

O governo imperial romano terminou no Ocidente, mas reinos preservam instituições romanas. Constantinopla permanece forte. Cavades I recuperou o trono com ajuda heftalita. O império Gupta se fragmenta. Wei do Norte controla a China setentrional.

Roma e reinos	Sassânidas	Índia	China	Estepes
reino ostrogodo de Teodorico e império oriental	Cavades I e reformas	Guptas tardios e poderes Huna	Wei do Norte e dinastias do Sul	hegemonia heftalita
receita oriental preservada	pressão aristocrática e oriental	soberania regional crescente	síntese Tuoba-chinesa	tributo sobre o Irã

Fotografia 5: c. 565

Justiniano morre após reconquistas. Cosroes I governa um Irã reformado. Índia possui múltiplos reinos. China continua dividida, mas o norte aproxima-se de nova consolidação. Gokturks substituem Rouran e cooperam com sassânidas contra heftalitas.

Roma oriental	Sassânidas	Índia	China	Estepes
Mediterrâneo ampliado e caro	reforma fiscal-militar	pós-Gupta policêntrico	Zhou/Qi no norte, Chen no sul	Gokturks em expansão
direito justinianeu	diplomacia com Roma e turcos	templos e reinos regionais	reunificação futura	rotas sob novo canato

Fotografia 6: c. 628

Roma oriental vence a guerra, mas está exausta. O Irã entra em crise de sucessão. Harsha governa no norte indiano. Tang consolida a China. Canatos turcos participam de alianças eurasiáticas. A aparente restauração das fronteiras romano-sassânidas dura poucos anos.

Roma oriental	Sassânidas	Índia	China	Estepes
Heráclio recupera províncias	Cosroes II deposto	Harsha em Kannauj	Tang sob Taizong	turcos orientais e ocidentais
vitória com custos altos	sucessões rápidas	hegemonia sem controle total	reunificação e expansão	aliados e rivais de impérios agrários

Fotografia 7: c. 650

Os primeiros califados controlam grande parte das antigas províncias romanas orientais e quase todo o Irã. Roma continua em Constantinopla e Anatólia. Harsha morreu; a Índia permanece multicêntrica. Tang expande-se. O ano não encerra uma civilização: abre outra configuração imperial.

Apêndice C. Matrizes comparativas

C.1 Mecanismos de governo

Dimensão	Roma tardia	Sassânidas	Guptas	Confederações/China
Centro	imperador, corte e consistório	rei dos reis e corte	rei, parentes e oficiais	khagan/corte móvel; imperador e burocracia chinesa
Território	prefeituras, dioceses, províncias e cidades	províncias, governadores, casas e reinos	bhukti, vishaya, aliados e subordinados	tribos, oásis e tributários; províncias e guarnições na China
Receita	terra, capitação, alfândega e requisições	terra, produção, moeda e comércio	tributo, terra, comércio e doações	tributo, rebanhos e rotas; terra e registros chineses
Delegação	conselhos urbanos, bispos e comandantes	nobres, sacerdotes e governadores	reis locais, guildas e beneficiários	chefes aliados; aristocracias e oficiais chineses
Risco	guerra civil e perda fiscal	sucessão e grandes casas	autonomia regional	ruptura da coalizão; rebelião militar

C.2 Legitimidade

Recurso	Roma tardia	Sassânidas	Guptas	China/estepes
Título	augustus, imperator e basileus	shahanshah	maharajadhiraja	huangdi e khagan
Religião	cristianismo imperial e concílios	patronato zoroastriano	repertórios vaishnavas e pluralidade	Mandato do Céu, budismo e cultos; céu do khagan
Imagem	moedas, estátuas, igrejas e cerimônia	coroas, relevos, fogo e prata	moedas, panegíricos e templos	epitáfios, cavernas, selos e insígnias
Passado	Roma e Constantino	reis iranianos e memórias aquemênidas/arsácidas	épica, genealogia e conquista ritual	Han e dinastias anteriores; ancestrais da estepe

C.3 Fronteiras

Problema	Roma tardia	Sassânidas	Guptas	China/estepes
Defesa	fortes, tropas móveis e aliados	muralhas, marzbans e cavalaria	exércitos e subordinados	guarnições, colônias militares e confederações
Zona crítica	Reno-Danúbio, Mesopotâmia e África	Mesopotâmia, Cáucaso e leste iraniano	noroeste e corredores do Ganges	norte chinês, Gansu e Ásia Central
Intermediário	godos, armênios e Ghassânidas	armênios, Lakhmidas e casas locais	reis fronteiriços e guildas	oásis, sogdianos e chefes tribais
Falha comum	comandante torna-se rival	aristocrata controla sucessão	receita permanece local	coalizão se divide ou general se rebela

C.4 Transformações e legados

Questão	Roma tardia	Sassânidas	Guptas	Estepes e China
Mudança política	fim do imperador ocidental; sobrevivência oriental	conquista e fim dinástico em 651	fragmentação gradual	confederações substituídas; reunificação Sui/Tang
Continuidade	direito, cidades, igreja e identidade romana	fiscalidade, elites, arte e memória régia	sânscrito, templos, moedas e doações	título de khagan, rotas; instituições imperiais chinesas
Erro comum	reduzir tudo a 476	chamar 651 de desaparecimento cultural	usar "Idade de Ouro" como descrição total	tratar hunos como um único povo
Pergunta útil	quais receitas e territórios sobreviveram?	quem operou a administração após a conquista?	onde o controle foi direto?	como a coalizão foi formada e mantida?

Apêndice D. Glossário essencial

Antiguidade Tardia: Categoria historiográfica para transformações aproximadamente entre os séculos III e VIII; seus limites variam conforme região e tema.

Ardashir I: Fundador da dinastia sassânida, vencedor do rei arsácida Artabano IV em 224 e coroado em Ctesifonte por volta de 226.

Átila: Governante da confederação hunna europeia entre 434 e 453; negociou, recebeu pagamentos e guerreou com as duas cortes romanas.

Augustus: Título imperial romano. Na Tetrarquia, designava cada um dos dois governantes superiores em relação aos céсарes.

Bhukti: Designação encontrada para unidades territoriais do mundo Gupta, frequentemente traduzida como província, com variação regional.

Bizantino: Nome moderno para o Império Romano oriental medieval. Seus habitantes identificavam o Estado e a si mesmos como romanos.

Capitatio-iugatio: Expressão moderna para formas tardias de avaliação fiscal de pessoas, terras e capacidade produtiva; não era idêntica em todas as províncias.

César: Na Tetrarquia, governante imperial subordinado a um augustus e previsto como sucessor; o título teve outros usos antes e depois.

Calcedônia: Concílio de 451 que definiu fórmula cristológica imperial. Sua recepção dividiu igrejas e teve efeitos políticos duradouros.

Canato: Formação governada por khan ou khagan. O termo descreve ordens políticas da estepe sem pressupor ausência de cidades ou administração.

Ctesifonte: Complexo urbano junto ao Tigre e principal residência de inverno e coroação sassânida, inserido numa Mesopotâmia multilíngue e multirreligiosa.

Digesto: Parte da compilação jurídica de Justiniano formada por excertos organizados de juristas romanos.

Foederati: Grupos ou forças ligados a Roma por acordo. O significado e o grau de integração mudaram ao longo do tempo.

Garuda: Ave associada a Vishnu e importante emblema dinástico Gupta, presente em moedas e inscrições.

Ghassânidas: Dinastia e confederação árabe cristã aliada ao Império Romano oriental, relevante na defesa e diplomacia dos séculos VI e início do VII.

Gokturks: Confederação turca que derrotou os Rouran em 552 e construiu grande canato na Eurásia interior.

Grande Perseguição: Conjunto de medidas contra cristãos iniciado sob a Tetrarquia em 303, aplicado com intensidades distintas no império.

Gupta: Dinastia imperial do norte da Índia, dominante sobretudo nos séculos IV e V, com soberania de intensidade desigual.

Hégira: Migração de Muhammad e sua comunidade de Meca para Medina em 622, marco inicial do calendário islâmico.

Heftalitas: Poder ou conjunto de poderes centro-asiáticos dos séculos V e VI, chamados em algumas fontes de Hunos Brancos; sua composição e relação com grupos indianos são debatidas.

Huna: Termo de fontes indianas para invasores e governantes associados a diferentes formações centro-asiáticas; não identifica por si só uma etnia única.

Igreja do Oriente: Tradição cristã organizada no Império Sassânida, de língua litúrgica siríaca e posteriormente difundida pela Ásia.

Jin: Dinastia chinesa que reuniu o território em 280, perdeu o norte no início do século IV e continuou no sul até 420.

Khagan: Título imperial da estepe, superior a khan em vários contextos, difundido entre Rouran, turcos e outros poderes.

Kidaritas: Formação política dos séculos IV e V em Bactriana, leste iraniano e Gandara, conhecida especialmente por moedas.

Lakhmidas: Dinastia árabe centrada em al-Hira e aliada aos sassânidas, atuando entre Mesopotâmia, deserto e Arábia.

Maharajadhiraja: Título sânscrito traduzido como "grande rei dos reis", adotado por governantes Guptas e outros soberanos.

Maniqueísmo: Religião missionária fundada por Mani no século III, difundida em várias línguas do Mediterrâneo à China.

Marzban: Título sassânida associado a comando ou governo de região fronteiriça; funções variavam conforme lugar e período.

Miafisismo: Família de tradições cristológicas que rejeitaram a fórmula de Calcedônia sem corresponder à caricatura de que Cristo teria apenas natureza divina.

Niceia: Concílio convocado por Constantino em 325 para tratar da controvérsia ariana e outras questões eclesiais.

Panegírico: Discurso ou inscrição de louvor. É fonte histórica porque seleciona virtudes, vitórias e relações desejadas pelo patrono.

Prayaga Prashasti: Panegírico de Samudragupta composto por Harishena e gravado no pilar de Prayaga, fundamental para a geografia política Gupta.

Rouran: Confederação da Ásia interior dominante entre os séculos IV e VI, derrotada pelos Gokturks em 552.

Sassânida: Dinastia iraniana fundada por Ardashir I e encerrada com a morte de Yazdegerd III em 651.

Shahanshah: "Rei dos reis" em iraniano médio, título central da soberania sassânida.

Shapur I: Segundo grande rei sassânida, governante de aproximadamente 240 a 270, responsável por campanhas contra Roma e pela inscrição trilingue de Naqsh-e Rostam.

Solidus: Moeda romana de ouro estabilizada sob Constantino e utilizada como padrão de alto valor durante séculos.

Sogdianos: Populações de língua iraniana da Ásia Central, especialmente importantes em redes mercantis, diplomáticas e religiosas.

Sui: Dinastia chinesa de 581 a 618 que reuniu norte e sul em 589 e legou instituições importantes aos Tang.

Tang: Dinastia chinesa fundada em 618; até 650 havia consolidado a reunificação e ampliado presença na Ásia Central.

Tetrarquia: Sistema de governo colegiado criado por Diocleciano com dois augustos e dois césares.

Theotokos: Título grego de Maria, "portadora de Deus", central nos debates cristológicos associados ao Concílio de Éfeso de 431.

Tuoba: Ramo Xianbei que fundou Wei do Norte. Também aparece em reconstruções como Tabgach.

Vassalo: Termo medieval europeu muitas vezes usado de forma ampla para subordinados antigos. Neste volume, prefere-se reino subordinado, aliado ou tributário quando a relação específica é conhecida.

Vishaya: Unidade distrital registrada em documentos Guptas e pós-gueltas, administrada com participação de oficiais e elites locais.

Wei do Norte: Dinastia Tuoba de 386 a 534 que reuniu o norte da China em 439 e combinou instituições da estepe e tradição imperial chinesa.

Yersinia pestis: Bactéria identificada por DNA antigo em vítimas da primeira pandemia de peste iniciada no século VI; a escala de seus efeitos históricos é debatida.

Zoroastrismo: Conjunto de tradições religiosas iranianas associadas a Zaratustra, ao Avesta, ao culto do fogo e a instituições que ganharam patronato sob os sassânidas.

Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades

E.1 Ficha universal de análise

Antes de interpretar qualquer documento, registre:

1. Identificação: título convencional, autor ou emissor, data aproximada e local.
2. Materialidade: pedra, moeda, manuscrito, papiro, edifício, objeto ou dado ambiental.
3. Público: quem deveria ver, ouvir, usar ou obedecer.
4. Gênero: lei, panegírico, crônica, carta, inscrição funerária, moeda ou relatório científico.
5. Afirmação central: o que a fonte quer que o público aceite.
6. Operação: que ação o documento realiza, como homenagear, ordenar, registrar, negociar ou ameaçar.
7. Silêncio: pessoas, derrotas, custos ou alternativas que não aparecem.
8. Corroboração: que outra evidência poderia confirmar ou limitar a conclusão.
9. Escala: corte, cidade, província, aldeia, corredor ou ambiente.
10. Grau de certeza: seguro, provável ou debatido.

E.2 Inscrição de Shapur I

Use a inscrição trilingue da Kaaba de Zoroastro para estudar a construção da vitória sassânida. Compare a lista de campanhas com uma fonte romana e com moedas do reinado.

- Por que a inscrição usa três línguas?
- Como organiza territórios, inimigos e dignitários?
- Que diferença existe entre capturar um imperador e ocupar permanentemente suas províncias?
- Quais fatos podem ser verificados de modo independente?
- O que a autodescrição revela sobre Eranshahr?

E.3 Edito de Preços Máximos

Selecione uma edição acadêmica de trechos do edito de Diocleciano. Não trate os valores como uma tabela de mercado aplicada a todo o império.

- O preâmbulo apresenta qual diagnóstico moral da inflação?
- Produtos e salários revelam quais redes econômicas?
- Uma proibição de preço prova cumprimento ou tentativa de controle?
- Como distância e qualidade dificultam comparação?

- Que evidências arqueológicas poderiam ser usadas junto ao texto?

E.4 Constantino em Lactâncio e Eusébio

Leia resumos ou pequenos trechos legalmente disponíveis dos relatos sobre a ponte Mílvia. Construa uma tabela com data de composição, proximidade do autor, símbolo descrito e finalidade teológica.

- Os relatos concordam em todos os detalhes?
- Como a memória da vitória mudou durante o reinado?
- Que evidências monetárias e monumentais complementam os textos?
- É possível concluir o momento exato de uma conversão interior?

E.5 Uma lei do Código Teodosiano

Escolha uma lei sobre religião, impostos, colonos ou cargos urbanos. Registre a data original, os destinatários e a data da compilação.

- A lei cria regra nova ou repete norma anterior?
- O destinatário tinha meios de aplicá-la?
- Que grupo social aparece apenas como objeto do texto?
- Repetição indica importância, resistência ou rotina administrativa?

E.6 Amiano Marcelino e uma campanha

Analise um episódio da guerra romano-sassânida ou da fronteira do Danúbio. Identifique a carreira militar do autor, suas preferências senatoriais e sua construção de imperadores.

- Como geografia e logística limitam decisões?
- Que adjetivos são usados para romanos e estrangeiros?
- O autor reconhece competência no adversário?
- Onde um julgamento moral substitui explicação institucional?

E.7 Prayaga Prashasti

Use uma edição do Corpus Inscriptionum Indicarum ou do projeto Siddham/Zenodo. Separe a parte poética da classificação política dos governantes.

- Quais reis foram anexados, reinstalados ou convertidos em tributários?
- A lista descreve uma administração uniforme?
- Como Harishena combina conquista, cultura e virtude?
- Por que gravar o texto num pilar que já possuía inscrições de Ashoka?

- Que mapa faria justiça aos diferentes graus de soberania?

E.8 Moedas Guptas

Escolha três moedas de um acervo museológico com procedência e medidas. Compare metal, peso, imagem, legenda e autoridade.

- Que capacidades o rei encena?
- Qual divindade ou emblema aparece?
- A moeda tinha função de pagamento, presente, ritual ou todas essas possibilidades?
- Imagem de rainha permite concluir participação política? Que evidência adicional é necessária?

E.9 Prisco e a corte de Átila

Leia uma edição moderna dos fragmentos de Prisco. Reconstrua o itinerário da embaixada e as situações de protocolo sem transformar uma observação em descrição de todos os hunos.

- Quem traduz e controla acesso ao governante?
- Como presentes e banquetes comunicam hierarquia?
- Quais pessoas da confederação não aparecem com voz própria?
- O relato contradiz o estereótipo de ausência de instituições?

E.10 Procópio e os heftalitas

Compare a descrição de Procópio com moedas e documentos bactrianos. Observe que ele escreve para leitores romanos e organiza povos por contraste.

- Que critérios utiliza para diferenciar heftalitas de outros hunos?
- Cidade e rei são usados como sinais de "civilização"?
- Documentos fiscais confirmam qual parte da descrição?
- O que permanece incerto sobre língua e origem?

E.11 Wei do Norte em epitáfios e cavernas

Selecione um epitáfio de família Tuoba ou uma inscrição de Yungang/Longmen. Compare nomes, cargos, parentesco e patronato budista.

- A adoção de nomes chineses significa abandono total de outras identidades?
- Como casamento e carreira produzem aristocracia?
- A imagem religiosa representa devoção, poder ou ambos?
- Que diferença existe entre reforma ordenada e prática familiar?

E.12 Peste: texto, DNA e séries econômicas

Monte um dossiê com um relato do século VI, um artigo de paleogenômica e um estudo quantitativo sobre impacto. Não use estimativas populares sem método explícito.

- O texto comprova presença local ou mortalidade continental?
- O DNA identifica o agente, mas mede quantas mortes?
- Moedas, pólen e papiros possuem resolução cronológica suficiente?
- Como distinguir primeira onda, recorrências e efeitos de longa duração?
- Quais conclusões são seguras e quais permanecem debatidas?

E.13 Conquista e transição no século VII

Compare uma crônica não islâmica próxima aos eventos, papiros administrativos e uma narrativa islâmica posterior. Observe mudanças de idioma, datação, impostos e títulos.

- Que instituição continuou após a conquista?
- Quando a administração passou a usar árabe de forma predominante?
- O texto posterior preserva memória, esquema literário ou ambos?
- Como evitar explicar as vitórias por um único fator?

E.14 Oficina de linha do tempo

Construa uma planilha com colunas para data, região, evento, fonte, precisão, causalidade e observação. Use cores apenas para regiões, não para grau de "civilização". Para cada linha, registre se a data é anual, aproximada ou apenas secular.

E.15 Oficina de mapa

Faça três camadas:

- centros e residências de corte;
- fronteiras, fortalezas, oásis e portos;
- rotas e intermediários.

Represente soberania direta com cor contínua, influência com hachura e rotas com setas segmentadas. Inclua legenda de incerteza. Não desenhe um império no seu máximo territorial para todos os anos.

E.16 Projeto para blog

Transforme um capítulo em série de três posts:

1. O problema histórico e a linha do tempo.

2. Duas fontes analisadas, com imagens licenciadas e legendas completas.
3. O debate historiográfico, separando consenso, probabilidade e controvérsia.

Cada post deve incluir autoria, bibliografia, links permanentes quando disponíveis e data de consulta. Se uma imagem for de domínio público, registre acervo, objeto, data, material e licença. "Encontrada na internet" não é crédito.

E.17 Perguntas para avaliação

- Por que 476 é importante, mas insuficiente para explicar o fim do governo romano no Ocidente?
- Quais continuidades arsácidas limitaram a ideia de revolução sassânida?
- Como o panegírico de Samudragupta revela soberania graduada?
- Por que "hunos" não deve ser usado como etnia única?
- Compare a função de uma moeda de Constantino, Shapur I e Chandragupta II.
- Como Roma e Irã transformaram aliados árabes em parte da fronteira?
- O que Wei do Norte mostra sobre identidade e Estado multiétnico?
- Quais evidências confirmam a peste do século VI e quais não medem seu impacto?
- Por que a guerra de 602-628 não explica sozinha as conquistas seguintes?
- Identifique três instituições sassânidas ou romanas que continuaram sob novos governos.

Bibliografia comentada

Sínteses e história global da Antiguidade Tardia

- BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (orgs.). *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999. Enciclopédia temática útil para instituições, religiões e cultura; deve ser complementada por pesquisas mais recentes.
- BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity: AD 150-750*. London: Thames & Hudson, 1971. Obra clássica que ajudou a deslocar a discussão de decadência para transformação cultural; suas ênfases devem ser confrontadas com arqueologia econômica recente.
- BROWN, Peter. *The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity, A.D. 200-1000*. 10th Anniversary Revised Edition. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. Síntese de longa duração sobre a formação das cristandades ocidentais, útil quando lida em perspectiva comparativa com o Mediterrâneo oriental e outras regiões.
- CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity, AD 395-700*. 2. ed. London: Routledge, 2012. Síntese equilibrada do Mediterrâneo, com atenção à política, religião e sociedade.
- ELTON, Hugh. *The Roman Empire in Late Antiquity: A Political and Military History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. Narrativa detalhada de 260 a 641, especialmente útil para governo, exércitos e fronteiras.
- JOHNSON, Scott Fitzgerald (org.). *The Oxford Handbook of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Capítulos especializados que ampliam o recorte além do Ocidente latino.
- ELSNER, Jaś (org.). *Empires of Faith in Late Antiquity: Histories of Art and Religion from India to Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Ensaios comparativos sobre arte, religião e cultura material em ampla escala eurasiática.
- MAAS, Michael (org.). *The Cambridge Companion to the Age of Attila*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. Integra romanos, hunos, Irã e transformações do século V.
- MAAS, Michael; DI COSMO, Nicola (orgs.). *Empires and Exchanges in Eurasian Late Antiquity: Rome, China, Iran, and the Steppe, ca. 250-750*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. Referência central para a comparação eurasiática adotada neste volume.
- WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Comparação estrutural de economia, aristocracia e poder após Roma; densa, mas decisiva.

Roma tardia e reinos pós-romanos

- CAMERON, Averil. *The Later Roman Empire, AD 284-430*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993. Introdução clara à reconfiguração do Estado e à cristianização.
- DRAKE, H. A. *Constantine and the Bishops: The Politics of Intolerance*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000. Analisa a relação entre construção de consenso imperial, bispos e coerção religiosa.
- HALSALL, Guy. *Barbarian Migrations and the Roman West, 376-568*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Interpretação influente que combina história e arqueologia e atribui grande peso às crises internas romanas.

- HEATHER, Peter. *The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Destaca pressões externas e formação de poderes fronteiriços; deve ser lido em contraste com Halsall e Wickham.
- JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire, 284-602: A Social, Economic and Administrative Survey*. Oxford: Blackwell, 1964. Monumental levantamento institucional; continua valioso, embora parte da documentação e das interpretações tenha sido atualizada.
- LENSKI, Noel (org.). *The Cambridge Companion to the Age of Constantine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Conjunto acessível sobre política, religião, arte e sociedade constantiniana.
- POTTER, David S. *The Roman Empire at Bay, AD 180-395*. 2. ed. London: Routledge, 2014. Abrange dos Severos a Teodósio e ajuda a evitar que a crise do século III seja estudada isoladamente.
- SARRIS, Peter. *Economy and Society in the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Estudo da economia e sociedade do Império Romano oriental no século VI, com forte uso de papiros e documentação fiscal.
- REES, Roger. *Diocletian and the Tetrarchy*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004. Estudo conciso da colegialidade imperial, representação e reforma.
- SALZMAN, Michele Renee. *The Falls of Rome: Crises, Resilience, and Resurgence in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Mostra que Roma teve múltiplas crises e reconstruções, especialmente como cidade e centro aristocrático.
- SOUTHERN, Pat. *The Roman Empire from Severus to Constantine*. London: Routledge, 2001. Narrativa ampla para o século III e a reorganização tetrárquica.
- VAN DAM, Raymond. *The Roman Revolution of Constantine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Explora como memória, cidades e patronato participaram da nova monarquia.

Roma e Irã

- CANEPA, Matthew P. *The Two Eyes of the Earth: Art and Ritual of Kingship between Rome and Sasanian Iran*. Berkeley: University of California Press, 2009. Estuda diplomacia, cerimônia e representação como linguagem compartilhada de competição.
- DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. *Rome and Persia in Late Antiquity: Neighbours and Rivals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Boa síntese temática de guerra, fronteira, comércio e diplomacia.
- GREATREX, Geoffrey; LIEU, Samuel N. C. *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars, Part II: AD 363-630*. London: Routledge, 2002. Coletânea traduzida de fontes; útil desde que cada autor seja contextualizado.
- HOWARD-JOHNSTON, James. *East Rome, Sasanian Persia and the End of Antiquity*. Aldershot: Ashgate, 2006. Estudos fundamentais sobre estratégia e a crise final dos dois impérios.
- HOWARD-JOHNSTON, James. *The Last Great War of Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2021. Reconstrução extensa da guerra de 602-628 e de sua documentação desigual.
- KAEGI, Walter E. *Heraclius: Emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Biografia política e militar que situa a vitória contra o Irã e as perdas posteriores.

Império Sassânida e mundos iranianos

- BONNER, Michael Jackson. *The Last Empire of Iran*. Piscataway: Gorgias Press, 2020. Narrativa moderna do Império Sassânida com atenção a fontes romanas, armênias, siríacas e persa-árabes.
- CANEPA, Matthew P. *The Iranian Expanse: Transforming Royal Identity through Architecture, Landscape, and the Built Environment, 550 BCE-642 CE*. Oakland: University of California Press, 2018. Analisa paisagem e cultura visual da soberania iraniana em longa duração.
- CURTIS, Vesta Sarkhosh; STEWART, Sarah (orgs.). *The Sasanian Era*. London: I.B. Tauris, 2008. Ensaios introdutórios sobre história, religião e arte sassânidas.
- DARYAEE, Touraj. *Sasanian Persia: The Rise and Fall of an Empire*. London: I.B. Tauris, 2009. Síntese acessível sobre governo, economia, sociedade e cultura.
- PAYNE, Richard E. *A State of Mixture: Christians, Zoroastrians, and Iranian Political Culture in Late Antiquity*. Oakland: University of California Press, 2015. Essencial para superar a imagem de intolerância religiosa uniforme.
- POTTS, Daniel T. (org.). *The Oxford Handbook of Ancient Iran*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Referência de longa duração com capítulos sobre arqueologia, línguas e períodos iranianos.
- REZAKHANI, Khodadad. *ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017. Reposiciona o leste iraniano e a Ásia Central no centro da história sassânida.
- SAUER, Eberhard W. (org.). *Sasanian Persia: Between Rome and the Steppes of Eurasia*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017. Arqueologia e história das fronteiras norte e oeste do império.
- WIESEHÖFER, Josef. *Ancient Persia: From 550 BC to 650 AD*. London: I.B. Tauris, 1996. Síntese de longa duração; útil para continuidades e mudanças entre impérios iranianos.
- YARSHATER, Ehsan (org.). *The Cambridge History of Iran*. Vol. 3: *The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. Referência clássica e detalhada; deve ser atualizada por Daryaee, Payne e Rezakhani.

Guptas e sul da Ásia

- CHATTOPADHYAYA, B. D. *The Making of Early Medieval India*. Delhi: Oxford University Press, 1994. Reúne estudos sobre formação regional, cidades, terras e transição, contestando modelos simples de declínio.
- FLEET, John Faithfull. *Inscriptions of the Early Gupta Kings and Their Successors*. *Corpus Inscriptionum Indicarum*, vol. 3. Calcutta: Government of India, 1888. Edição histórica de fontes primárias, hoje complementada por novas leituras e bases digitais.
- HUNTINGTON, Susan L. *The Art of Ancient India: Buddhist, Hindu, Jain*. New York: Weatherhill, 1985. Panorama de arte e arquitetura com forte atenção a contexto religioso.
- KULKE, Hermann; ROTHERMUND, Dietmar. *A History of India*. 4. ed. London: Routledge, 2004. Síntese útil para situar Guptas entre formações anteriores e posteriores.
- PLOFKER, Kim. *Mathematics in India*. Princeton: Princeton University Press, 2009. História rigorosa de métodos e textos matemáticos, evitando mitos de invenção isolada.

- POLLOCK, Sheldon. *The Language of the Gods in the World of Men: Sanskrit, Culture, and Power in Premodern India*. Berkeley: University of California Press, 2006. Obra central sobre a expansão política e cultural do sânscrito.
- SALOMON, Richard. *Indian Epigraphy: A Guide to the Study of Inscriptions in Sanskrit, Prakrit, and the Other Indo-Aryan Languages*. New York: Oxford University Press, 1998. Manual indispensável para método epigráfico e cronologia.
- SHARMA, R. S. *Indian Feudalism*. Calcutta: University of Calcutta, 1965. Formulação clássica e controversa sobre doações de terra e descentralização; deve ser lida junto a críticas posteriores.
- SINGH, Upinder. *A History of Ancient and Early Medieval India: From the Stone Age to the 12th Century*. Delhi: Pearson, 2008. Síntese ampla baseada em textos, inscrições, moedas e arqueologia.
- THAPAR, Romila. *Early India: From the Origins to AD 1300*. Berkeley: University of California Press, 2002. Integra política e mudança social e questiona periodizações nacionalistas.
- WILLIS, Michael. *The Archaeology of Hindu Ritual: Temples and the Establishment of the Gods*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Relaciona inscrições, templos, ritual e formação política no período Gupta.

China, estepes e rotas

- BECKWITH, Christopher I. *Empires of the Silk Road: A History of Central Eurasia from the Bronze Age to the Present*. Princeton: Princeton University Press, 2009. Síntese provocativa de longa duração; algumas generalizações e etimologias são discutidas.
- DIEN, Albert E.; KNAPP, Keith N. (orgs.). *The Cambridge History of China. Vol. 2: The Six Dynasties, 220-589*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. Referência atualizada para política, sociedade e cultura entre Han e Sui.
- DE CRESPIGNY, Rafe. *Imperial Warlord: A Biography of Cao Cao 155-220 AD*. Leiden: Brill, 2010. Biografia histórica de Cao Cao baseada em fontes chinesas, útil para compreender a transição do final Han às formações do século III.
- FOLTZ, Richard. *Religions of the Silk Road: Premodern Patterns of Globalization*. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2010. Introdução à circulação de budismo, cristianismo, maniqueísmo e outras tradições.
- HANSEN, Valerie. *The Silk Road: A New History*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Reconstrói rotas por documentos locais e enfatiza volumes modestos e múltiplos intermediários.
- HOLCOMBE, Charles. *A History of East Asia: From the Origins of Civilization to the Twenty-First Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Síntese para contextualizar China, Coreia e Japão em longa duração.
- KIM, Hyun Jin. *The Huns*. London: Routledge, 2015. Interpretação ampla da organização hunica; deve ser comparada a trabalhos que são mais cautelosos sobre continuidade étnica.
- LEWIS, Mark Edward. *China Between Empires: The Northern and Southern Dynasties*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009. Excelente síntese das transformações entre Han e Tang.
- MAENCHEN-HELFEN, Otto J. *The World of the Huns: Studies in Their History and Culture*. Berkeley: University of California Press, 1973. Estudo clássico e crítico de textos e cultura material; parte dos dados foi atualizada.

SINOR, Denis (org.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Referência regional para confederações e relações entre estepe e impérios agrários.

VAISSIÈRE, Étienne de la. *Sogdian Traders: A History*. Leiden: Brill, 2005. Obra fundamental sobre redes sogdianas e documentos comerciais.

VAISSIÈRE, Étienne de la. *The Steppe World and the Rise of the Huns*. In: MAAS, Michael (org.). *The Cambridge Companion to the Age of Attila*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 175-192. Capítulo especializado sobre conexões entre a estepe eurasiática e a formação dos poderes hunos.

XIONG, Victor Cunrui. *Emperor Yang of the Sui Dynasty: His Life, Times, and Legacy*. Albany: SUNY Press, 2006. Reavalia governo, obras e campanhas Sui.

YANG, Shao-yun. *Early Tang China and the World, 618-750 CE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Revisão crítica da imagem de cosmopolitismo Tang e de suas relações imperiais.

Oceano Índico, mar Vermelho e Arábia

BEAUJARD, Philippe. *The Worlds of the Indian Ocean: A Global History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. História conectada de redes marítimas, com discussão de China Tang, Índia e expansão islâmica.

POWER, Timothy. *The Red Sea from Byzantium to the Caliphate, AD 500-1000*. Cairo: American University in Cairo Press, 2012. Arqueologia e história das rotas entre Egito, Arábia e África oriental.

ROBIN, Christian Julien. *Arabia and Ethiopia*. In: JOHNSON, Scott Fitzgerald (org.). *The Oxford Handbook of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Síntese especializada de reinos, inscrições e conflitos do mar Vermelho.

Ambiente e peste

BÜNTGEN, Ulf et al. *Cooling and Societal Change during the Late Antique Little Ice Age from 536 to around 660 AD*. *Nature Geoscience*, v. 9, p. 231-236, 2016. Reconstrução climática influente; as ligações sociais propostas precisam ser verificadas regionalmente.

ADAPA, Swamy R. et al. *Genetic Evidence of Yersinia pestis from the First Pandemic*. *Genes*, v. 16, n. 8, art. 926, 2025. Evidência genômica obtida em Jerash, no Mediterrâneo oriental, relevante para localizar biologicamente a Primeira Pandemia.

HENDRIX, Karen et al. *Bioarchaeological signatures during the Plague of Justinian (541-750 CE) in Jerash (ancient Gerasa), Jordan*. *Journal of Archaeological Science*, v. 186, art. 106473, 2026. Estudo bioarqueológico do sepultamento coletivo de Jerash, integrando contexto funerário, mobilidade e evidência biomolecular.

MORDECHAI, Lee et al. *The Justinianic Plague: An Inconsequential Pandemic?* *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 116, n. 51, p. 25546-25554, 2019. Contestação quantitativa das estimativas maximalistas de mortalidade e impacto.

SARRIS, Peter. *The Justinianic Plague: Origins and Effects. Continuity and Change*, v. 17, n. 2, p. 169-182, 2002. Argumenta por impacto significativo e serve como contraponto no debate.

Século VII e primeiros califados

DONNER, Fred M. *The Early Islamic Conquests*. Princeton: Princeton University Press, 1981. Análise clássica de mobilização, estratégia e consolidação inicial.

HOYLAND, Robert G. *In God's Path: The Arab Conquests and the Creation of an Islamic Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2015. Síntese moderna que integra fontes islâmicas e não islâmicas.

HOYLAND, Robert G. *Seeing Islam as Others Saw It*. Princeton: Darwin Press, 1997. Reúne e contextualiza fontes cristãs, judaicas e zoroastrianas sobre os primeiros séculos islâmicos.

TANNOUS, Jack. *The Making of the Medieval Middle East: Religion, Society, and Simple Believers*. Princeton: Princeton University Press, 2018. Estudo de comunidades cristãs e transformações sociais e religiosas na passagem da Antiguidade Tardia ao mundo islâmico.

KENNEDY, Hugh. *The Great Arab Conquests*. Philadelphia: Da Capo Press, 2007. Narrativa acessível das campanhas; deve ser combinada com estudos administrativos e arqueológicos.

Fontes primárias em edições modernas

AMMIANUS MARCELLINUS. *Res Gestae*. Edições críticas e traduções na Loeb Classical Library e no Perseus/Scaife. Principal narrativa romana para 353-378, escrita por antigo oficial.

CODEx THEODOSIANUS. *The Theodosian Code and Novels and the Sirmondian Constitutions*. Trad. Clyde Pharr. Princeton: Princeton University Press, 1952. Tradução inglesa integral; use sempre a data da constituição original.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Life of Constantine*. Trad. Averil Cameron e Stuart G. Hall. Oxford: Clarendon Press, 1999. Edição acadêmica de uma obra de louvor com material documental.

FLEET, John Faithfull. *Corpus Inscriptionum Indicarum*, vol. 3. Fonte para inscrições Guptas, incluindo Prayaga; compare com revisões epigráficas recentes.

PROCOPIUS. *History of the Wars; Buildings; Secret History*. Cambridge, MA: Harvard University Press, Loeb Classical Library. As três obras possuem objetivos distintos e não devem ser harmonizadas automaticamente.

SHAPUR I. *Res Gestae Divi Saporis*, inscrição trilingue de Naqsh-e Rostam. Consulte edições epigráficas e o verbete Shapur I da Encyclopaedia Iranica.

THE QUR'AN. Traduções acadêmicas devem ser acompanhadas do texto árabe e de estudo histórico. O Alcorão é fonte do século VII, mas não uma crônica contínua de campanhas.

Fontes digitais, cursos e documentários sérios

Critérios de seleção

Os recursos abaixo pertencem a universidades, museus, editoras acadêmicas, projetos de preservação ou revistas científicas. Uma aula gravada não substitui livro e artigo, mas permite ouvir especialistas e localizar bibliografia. Em vídeos de divulgação, verifique instituição, formação do apresentador, fontes mostradas e data de atualização.

Cursos e aulas gravadas

[Yale Open Courses - The Early Middle Ages, 284-1000](#)

Curso de Paul Freedman com vídeo, áudio e transcrição. As aulas 1-8 cobrem crise do século III, Diocleciano, Constantino, cristianização, transformação do Ocidente e sobrevivência oriental. O foco é europeu e deve ser complementado pelos recursos sobre Irã, Índia, China e estepes.

[UCLA Pourdavoud Institute - Ardashir I and the Early Sasanians](#)

Aula de Touraj Daryaee que contextualiza a ascensão sassânida e questiona a leitura das ofensivas apenas por fontes romanas.

[UCLA Pourdavoud Institute - Sasanian Iran: A Personal View](#)

Michael Bonner apresenta problemas de fontes e a posição do Irã entre Roma e a Ásia interior.

[UCLA Pourdavoud Institute - Northern Defenses of the Sasanian Empire](#)

Eberhard Sauer reúne arqueologia da muralha de Gorgan e das passagens caucasianas, útil para comparar fronteiras romanas e sassânidas.

[UCLA Pourdavoud Institute - Religious Communities in the Sasanian Empire](#)

Aula de Touraj Daryaee sobre a relação variável entre monarquia zoroastriana e comunidades judaicas, cristãs, budistas e maniqueias.

[Khan Academy - Gupta Dynasty, introdução](#)

Vídeo breve para orientação inicial. Sua linguagem de "Idade de Ouro" deve ser comparada aos capítulos 9 e 10 e às obras de Singh, Thapar, Pollock e Willis.

Enciclopédias e ensaios de museus

[Encyclopaedia Iranica - Sasanian Dynasty](#)

Verbete detalhado com cronologia, problemas de fontes e bibliografia especializada.

[Encyclopaedia Iranica - Shapur I: History](#)

Ponto de partida para a carreira de Shapur I, inscrições e relações com Roma.

[Encyclopaedia Iranica - Hephthalites](#)

Síntese clássica das fontes sobre kidaritas, heftalitas e poderes relacionados; deve ser lida junto a estudos numismáticos recentes.

[The Metropolitan Museum of Art - The Sasanian Empire, 224-651](#)

Ensaio curatorial com objetos e bibliografia sobre arte, comércio e legado sassânida.

[The Metropolitan Museum of Art - Eastern Mediterranean, 500-1000](#)

Linha do tempo visual para o Mediterrâneo oriental, incluindo Heráclio, conquistas e continuidade de modelos romanos e sassânidas.

[British Museum - Gupta gold coin of Chandragupta II](#)

Ficha completa de uma moeda de ouro, com autoridade, data, material, peso e iconografia; adequada à atividade E.8.

[British Museum - Silk Roads large print guide](#)

Guia de exposição com objetos e explicações, incluindo sassânidas, sogdianos e continuidades no mundo islâmico.

Fontes primárias e bases documentais

[Scaife/Perseus - Ammianus Marcellinus, Res Gestae](#)

Catálogo de textos digitais para localizar a obra de Amiano; confirme edição e tradução antes de citar.

[Zenodo/Siddham - Allahabad Prasasti of Samudragupta](#)

Registro acadêmico da inscrição de Prayaga baseado no Corpus Inscriptionum Indicarum, com arquivo e identificador persistente.

[International Dunhuang Programme](#)

Colaboração internacional coordenada pela British Library com manuscritos, imagens, metadados e recursos sobre as rotas orientais.

Rotas e patrimônio

[UNESCO - Chang'an-Tianshan Corridor](#)

Descrição de um corredor de 5.000 km e de seus componentes: cidades, fortalezas, oásis, templos e estações.

[UNESCO - Zarafshan-Karakum Corridor](#)

Recurso para estudar Sogdiana, Merv e adaptação de assentamentos a rios, desertos e rotas.

[UNESCO - Silk Roads Programme](#)

Portal temático com artigos derivados da History of Civilizations of Central Asia. Confira autoria e volume de origem.

Livros, pesquisas e debates on-line

[Cambridge - Empires and Exchanges in Eurasian Late Antiquity](#)

Página do livro coletivo que estrutura uma história integrada de Roma, China, Irã e estepes entre 250 e 750.

[Cambridge - The Roman Empire in Late Antiquity](#)

Sumário e descrição da síntese de Hugh Elton, com cronologia até Heráclio.

[Cambridge - The Six Dynasties, 220-589](#)

Entrada da Cambridge History of China para a divisão pós-Han e as dinastias do Norte e do Sul.

[Nature Geoscience - Late Antique Little Ice Age](#)

Artigo científico sobre erupções e resfriamento. As associações sociais são hipóteses a testar, não efeitos automáticos.

[PNAS - The Justinianic Plague: An Inconsequential Pandemic?](#)

Artigo que questiona estimativas maximalistas por meio de séries textuais, econômicas, arqueológicas e ambientais.

[Genes - Genetic Evidence of Yersinia pestis from the First Pandemic](#)

Estudo de 2025 com evidência genômica em Jerash. É importante para confirmar o patógeno, mas não fornece sozinho uma taxa de mortalidade continental.

Roteiro recomendado de estudo

1. Comece pelos capítulos 1 e 2 e monte a linha do tempo do Apêndice A.
2. Assista às aulas de Yale sobre Diocleciano e Constantino e à aula da UCLA sobre Ardashir.
3. Leia um capítulo de Elton, Daryaee, Singh e Lewis para equilibrar as quatro grandes regiões.
4. Analise uma inscrição sassânida e uma Gupta antes de comparar mapas.
5. Use UNESCO e International Dunhuang Programme para transformar a linha única da "Rota da Seda" em rede.
6. Leia posições opostas sobre 476, migrações e peste antes de escrever conclusão.

Continuação da coleção

O Volume 6 acompanhará aproximadamente os anos 600 a 1000: primeiros califados e sua fragmentação, Império Romano oriental medieval, Tang e reinos do Leste Asiático, impérios e cidades africanas, formações indianas e reinos pós-romanos. O eixo será a construção de novas universalidades políticas e religiosas, as redes do oceano Índico, o crescimento de centros urbanos e a disputa pela herança de impérios anteriores.

A sobreposição entre 600 e 650 é deliberada. Este volume observa o fim da ordem romano-sassânida; o próximo examinará os mesmos anos como começo das ordens califal, bizantina medieval e Tang.